e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

POR OUTRAS HISTORIOGRAFIAS, ANTROPOLOGIAS E HISTÓRIAS DA FILOSOFIA

TOWARDS OTHER HISTORIOGRAPHIES, ANTHROPOLOGIES AND HISTORIES OF PHILOSOPHY
POR OTRAS HISTORIOGRAFÍAS, ANTROPOLOGÍAS E HISTORIAS DE LA FILOSOFÍA

Marcelo Barboza Duarte
Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especializado em Filosofia pelo Departamento de Pós-Graduação Lato-Sensu da Universidade Gama Filho (UGF); Especializado em Ciências da Religião pelo Departamento de Pós-Graduação da Faculdade Unida; Licenciado em Pedagogia Plena com Habilitação ao Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, Orientação, Supervisão e Administração Educacional pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória - ES; Licenciado em Filosofia pela Universidade de Taubaté (UNITAU); Licenciado em História pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Licenciado em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). xxxxxxxxxxxxxxxxxx@xxxxxxxxxxxx.

Recebido em: 01/04/2024
Aceito em: 01/09/2024
Publicado em: 30/11/2024

RESUMO:
Muito ainda se investiga, estuda, especula e se discute sobre os inúmeros motivos da condenação e morte de Sócrates. Os três 'grandes crimes' que o levaram a condenação e morte são apresentados e detalhados por inúmeros autores, após a sua morte. Entretanto, as fontes mais próximas e supostamente confiáveis, mais especificamente, são as obras **Apologia** de Platão e as **Memoráveis** de Xenofonte, ambos discípulos do filósofo, o moscão de Atenas. O presente trabalho se debruça nas exposições das referidas obras dos dois discípulos e tenta fazer o esforço de verificar a questão e relação religiosa, judicial, criminal e política que levaram o mestre e filósofo a morte. Desse modo, percebemos que política, justiça e religião conduziam todo o processo contra Sócrates, bem como sua execução ou morte. A religião e a política estão introduzidas do início ao fim de sua condenação. Talvez instrumentos políticos e de manutenção de poder, domínio e manipulação de massas. Porém, também podemos observar que através dos registros e reflexões sobre ele, registros fornecidos por Xenofonte e Platão, é possível perceber que o processo e condenação contra Sócrates poderia se voltar contra seus acusadores, uma vez que, ao perseguir e atacar o moscão ateniense 'introduzido na cidade pelos deuses, e com missão específica,' tais perseguidores e acusadores estariam indo contra os próprios deuses. Ou seja, Xenofonte e Platão nos fornecem elementos para pressupor que ao acusarem Sócrates pelos três crimes, na verdade os próprios acusadores é quem estariam os cometendo desde o início do processo ao fim dele. Com isso, podemos dizer que há uma justiça parcial, bem como a judicialização da política, da religião e da filosofia, e a manifestação de um fundamentalismo religioso, intolerante e preconceituoso, o qual ataca a quem pensa fora do dogmatismo e "dos muros da cidade." Através e por meio da revisão da literatura podemos observar Sócrates, uma vítima do fundamentalismo religioso, da intolerância e da judicialização da política, da religião e da filosofia: a condenação da arte de pensar criticamente. Investigações, abordagens, perspectivas e contribuições pela e para a Historiografia, Antropologia, Filosofia, Sociologia e Psicanálise: a Filosofia, Historiografia, suas produções e escritas sob novos olhares, análises e ou exercícios exegéticos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Religião; Política; Sociedade; Educação; Crime; Judicialização.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Introdução

Antes de adentramos no desenvolvimento do tema e assunto, precisamos de antemão deixar claros alguns fatos, detalhes e pontos importantes. Em primeiro gostaríamos de deixar claro que nosso trabalho é uma espécie de 'Apologia Socrática da Apologia Platônica' sendo baseada e ou fundamentada nas obras **Apologia** de Platão e das **Memoráveis** de Xenofonte. Ou seja, uma Apologia da Apologia à Sócrates, o sujeito, cidadão, filósofo, mestre, educador e pedagogo perseguido, acusado, condenado e morto por motivos diversos no qual exporemos, detalharemos e esclareceremos aqui.[1]

Desse modo, a pesquisa buscou na literatura apenas focar na figura, personagem, ator, indivíduo, sujeito e filósofo Sócrates. Fazendo assim o esforço de tentar separar Sócrates, sua vida, pensamentos, atitudes, filosofia e performance filosófica da figura de Platão e sua 'sombra,' 'sombra' que ainda tentam ofuscar ou apagar a identidade, personalidade e realidade da existência de Sócrates. Vamos já esclarecer essa suposta 'sombra' platônica. Não que Platão tentasse fazer isso com seu mestre, ofuscá-lo ou apagá-lo, de modo algum, mas infelizmente em boa parte das dúvidas e críticas filosóficas séculos posteriores ao fato da existência ou não de um Sócrates vieram do modo de escrever, pensar e filosofar de Platão. Este de modo indireto criou dúvidas para alguns quanto à real existência de um Sócrates.

Porém, é justamente também por meio e através de Platão, Xenofonte, Aristófanes (mesmo com suas duras e pesadas críticas e ataques a Sócrates) e até mesmo Aristóteles que conhecemos um pouco mais sobre Sócrates, já que este nada escreveu e nem deixou escritos por outros. Travava sua filosofia apenas pela oralidade e prática demonstrativa no e do dia a dia. Sendo assim, são essas e outras testemunhas que narram sobre a identidade, pessoa, figura, posicionamento, temperamento, postura, profissão, educação, história e família do grande moscão ateniense, Sócrates, sobretudo seu discípulo, Platão – que, ao produzir sua própria filosofia, acabou pondo Sócrates como uma espécie de mediador de suas ideias e pensamentos, de seus sistemas filosóficos e outros, tudo por meio e através dos diálogos de Sócrates com os transeuntes pelas ruas ou na Ágora ateniense.

[1] A obra ou peça teatral **As Nuvens** de Aristófanes (séc. V a.C.), contemporâneo a Sócrates, será uma das referências aos ataques que Sócrates sofria. Desde seu aspecto físico, intelectual, cognitivo, comportamental, familiar, econômico, dentre outros. Ou seja, todos os ataques pesados e duros que Sócrates sofre através dessa obra coadunaram com os sofridos e mencionados por Xenofonte e Platão. E que nos moveram aqui.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Superada as dúvidas quanto à existência de Sócrates, isso por várias fontes como Platão, Xenofonte, Fédon, Ésquines, Antístenes, Aristófanes e dentre outros, o que se colocaria como trabalho não tão fácil seria "separar e distinguir a filosofia socrática da filosofia platônica, bem como das especificidades enquanto sujeitos, filósofos e filosofar, no qual são perceptíveis as diferenças em relação a Platão e outros contemporâneos desses. Porém, esse não seria o nosso objetivo aqui, já que tal empreitada demandaria novo e árduo trabalho a ser desenvolvido. Sendo assim, Sócrates é uma figura polêmica e complexa, isso é um fato. Mas tenhamos o cuidado de não o confundi-lo com Platão, mesmo sendo uma tarefa difícil e complicada.

O segundo fato e ponto a esclarecer diz respeito aos Sofistas e seu movimento na Grécia antiga. Nós compreendemos a grande importância e contribuição do movimento sofista tanto para a filosofia e suas ramificações, para a linguagem, lógica, linguística, análises do discurso, para a história humana, as ciências em geral, as sociedades quanto para o mundo. Porém, o trabalho em tela não se debruçará nesse movimento e suas contribuições diretamente em tais áreas, pois o objetivo aqui é adentrarmos pelo sujeito e figura socrática, suas acusações, crimes, condenação e morte.

Com isso, não nos deteremos no movimento sofista, seus representantes e contribuições, mas apenas rapidamente em algum representante ou outro do movimento ou outras pessoas que estavam envolvidas e ligadas com a 'questão socrática', tais como Meleto, Ânito e Líncon, acusadores e promotores, dentre outros que fizeram parte do júri composto por mais de quinhentas pessoas. Mas como Sócrates era uma figura popular, lutou na guerra e tinha certas características e especificidades físicas, em sua filosofia e no seu filosofar, com certeza não passava desapercebido o moscão ateniense. Logo, o trabalho em tela não é ou está alheio aos fatos descritos, ignorantes sobre eles ou alienados quanto a eles. Mas para desenvolvermos um trabalho com fulcro a extrair importantes e relevantes reflexões e conteúdos sobre a problemática da pesquisa em tela, digo sua temática em questão, precisamos fazer certas escolhas, abrir mão de certos conteúdos a optar por outros, isso para um desenvolvimento, qualidade, objetividade e especificidade do objeto analisado e pesquisado, portanto, apenas Sócrates, sua arte de filosofar, seus supostos crimes, seu julgamento, condenação e morte nos serão objetos de análises e desdobramentos do trabalho (Platão, 2008; Xenofonte, 2014). Ou seja, não nos deteremos na importância do movimento e contribuições da filosofia sofistica, uma vez

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

que, tanto Sócrates, Platão e Aristóteles não a expurgaram do processo e movimento de filosofar. Esses filósofos compreendiam as contribuições da sofistica para a lógica, a linguagem, a epistemologia etc. Desse modo, os embates entre Sócrates, Platão e Aristóteles não é contra a filosofia sofista em si, mas sim como ela era utilizada pelos sofistas, incluindo a mesma como modo de lucro, corrupção, ganho pessoal, apenas vencer debates públicos, utilizar a educação como mercadoria e negócio, fazer da educação um mero negócio elitizado, bem como desconfigurar a formação virtuosa do cidadão grego. Com isso, alguns sofistas tornaram-se inimigos pessoais de Sócrates. Enfim, o debate filosófico se transformou em um conflito e perseguição pessoal, contra Sócrates.

Assim sendo, preparamos o leitor a se relacionar com essas diretrizes e paradigmas que nortearão a exposição do trabalho, sobretudo a delimitação e especificação do que está sendo trabalhado com contribuições para a filosofia, historiografia, sociologia, linguagem, antropologia, política, ética, direito, análises do discurso, ciências das religiões e dentre outras. Contendo relações, comparações, aproximações e reflexos do passado com o presente. Vale dizer que o trabalho em tela está repleto de analogias, metáforas e alegorias como representações de desdobramentos sociais, políticos, culturais, econômicos e religiosos atuais.

Logo, nosso objeto de estudo e os fatos que a ele circulam e ou cirandam estão especificamente nos sécs. V-IV a.C. Tanto ele quanto as narrativas sobre ele, estas oriundas de Platão e Xenofonte, ambos contemporâneos a Sócrates. Portanto, a partir desse momento não encontramos necessidades para reproduzir tais datas do objeto e as narrativas sobre o referido.

E assim seguiremos com tais séculos fixos em mente e com isso acompanharemos os acontecimentos que irão envolver e desenvolver o fulcro da pesquisa, seu objeto, relações e narrativas sobre esses. Ou seja, faremos uma viagem até os sécs. V-IV a.C. Acompanhada de outras viagens a outros séculos e narrativas, historiografias etc. Uma apologia a Sócrates e de outras narrativas historiográficas.

A seguir exporemos algumas percepções e reflexões sobre e na obra **Memoráveis** de Xenofonte e **Apologia** de Platão. Algumas a serem expostas são afirmativas dos referidos discípulos e escritores em relação a pessoa e figura de Sócrates. Outras são nossas percepções e reflexões sobre o que Xenofonte e Platão nos fornecem sobre o estimado filósofo. Talvez os deuses e as religiões também sejam subterfúgios para muitos intolerantes, preconceituosos, oportunistas e fanáticos utilizarem para perseguir

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

aquilo que lhes é diferente, estranho ou novo, uma espécie ou modo de etnocentrismo. Ou talvez também para se alcançar algum objetivo ou vários.

Sendo assim, aqui já podemos expor que na psicanálise freudiana é expresso que as neuroses e obsessões podem ser produtos do e de medo (medos) como também serem produtoras dele, isso inclui a própria ação e ou comportamentos de intolerância, o desrespeito, a perseguição ao outro e a falta de empatia por alguém e ou algo. Portanto, o medo e/ou os medos geram neuroses, paranoias, histerias, obsessões, preconceitos, estereótipos e dentre outros, e ao mesmo tempo o medo ou medos podem ser gerados por tais disfunções, distúrbios ou desordens mentais e ou bioquímicas, isso por diversos motivos, modos e formas (Autor, 2022 A-B; Freud, 2011, 2013 a-b, 2014, 2015, 2017; Delumeau, 2009). Os textos abordados e as reflexões de Xenofonte e Platão não mencionam isso diretamente, mas indiretamente eles nos podem sugerir algumas relevantes reflexões sobre e em tais perspectivas.

Entretanto, por ser um método complexo e com suas exigências e rigor, aqui no trabalho em tela não caberia uma prática de anamnese e psicanalítica profunda como uma espécie de psicoterapia dos sujeitos envolvidos na 'questão da condenação e morte de Sócrates,' bem como daquela sociedade em tal contexto. Não seria impossível, mas nesse momento inviável, talvez em futuras obras.

Xenofonte e Platão relacionando Sócrates, o filósofo crítico com os Deuses

Desde já vale dizer que em nossas percepções quanto reflexões ao se compararem as **Memoráveis** de Xenofonte com a obra **Apologia** de Platão, há dois importantes traços que se apresentam nas obras dos referidos autores, Xenofonte e Platão. E que são, enquanto na **Apologia** de Platão se observa um discurso com conteúdos mais filosóficos e um Sócrates mais filósofo, digo no exercício ou prática filosófica, pedagogia e ou da filosofia como arte, nas **Memoráveis** de Xenofonte se nota um Sócrates mais cívico, "um cidadão exemplar", dado a combates de diversos modos, âmbitos e aspectos, fundamentalmente os das relações sociais por busca de justiça e desenvolvimento social-coletivo, um ser histórico. Ou seja, em Xenofonte vemos um Sócrates como modelo de cidadão. O homem-cidadão que procura seguir as regras da cidade, mas sem deixar de pensar por si e fazer suas críticas a ela e suas configurações.

> Assim sendo, admira-me de que modo puderam os Atenienses, nessa época, deixar-se persuadir de que Sócrates não tinha uma posição sensata no que diz respeito aos deuses, se ele nunca disse nem fez,

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> nesse campo, nada de ímpio e tudo quanto dizia ou fazia, em relação aos deuses, era o que diria ou faria qualquer homem que neles acreditasse com a máxima reverência.
>
> E mais estranho me parece ainda que alguns se tenham deixado persuadir de que Sócrates corrompia os jovens. Ele! que, para além de tudo o que já referi, era o homem que mais domínio tinha sobre os seus próprios desejos, tanto do sexo como do estômago; que era também aquele que melhor resistia ao frio, ao calor ou a qualquer outra provação, e, ainda, que a si próprio se disciplinara de modo a necessitar apenas do razoável, de forma que possuindo muito pouco com toda a facilidade isso lhe bastava.
>
> Ora, como lhe seria possível, se ele próprio assim se comportava, tornar outros ímpios, desrespeitadores da lei, desregrados, licenciosos ou preguiçosos? Pelo contrário, até, curou vícios desses em muita gente fazendo com que desejassem a virtude e partilhassem da esperança de, preocupando-se consigo mesmos, atingirem a perfeição. É bem verdade que, em circunstância alguma, ele admitiu que transmitia tais ensinamentos; mas o seu comportamento levava os que com ele conviviam a confiarem que, imitando-o, poderiam vir a ser como ele. Mais ainda, também com o corpo lhe faltava cuidado e não louvava os despreocupados. De modo que criticava também aqueles que, depois de terem exagerado na comida, iam exagerar no exercício físico; embora até aprovasse a prática do exercício, desde que de modo equilibrado e até o ponto em que era agradável para a alma, uma vez que era uma prática bastante saudável e que não prejudicava o cuidado com a ter com a alma. E não era nada esquisito, nem exibicionista, nem com o que vestia, nem com o que calçava, nem no seu comportamento. Além do mais, não aliciava a ambição dos que o acompanhavam, porque não só punha um travão noutros desejos como não exigia dividendos àqueles que procuravam a sua companhia. Acreditava ele que, com esta atitude, ganhava a sua liberdade (Xenofonte, 2014, pp. 66-68).
>
> Mas isso! replicou Sócrates, é apenas uma pequena parte dos conhecimentos necessários a um general; porque é preciso que um general seja capaz de proceder a todo tipo de preparativos para a guerra; tratar dos mantimentos dos soldados; ser engenhoso, ativo, cuidadoso, forte e perspicaz, amável e rude, simples e decidido, cauto e ardiloso, pródigo e ambicioso, generoso e egoísta, perito em defesa mas também em ataque, e deter muitas outras qualidades naturais e aprendidas, fundamentais para quem tenciona ser um bom general (Xenofonte, 2014, p. 168).

Com isso, Xenofonte nos apresenta um Sócrates bastante cívico e justo, sobretudo, equilibrado, moderado, 'de personalidade forte,' bom caráter, crítico, autodisciplinado, estrategista, articulado e profundamente sensível aos problemas da Cidade e de seu povo. Um verdadeiro homem virtuoso. Platão também aponta para detalhes como este, em um Sócrates questionador, crítico, reflexivo, instigador e que

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

não se contenta com uma sociedade dogmatizada, estagnada, estática e de retrocessos.

Sua preocupação com a corrupção dentro da democracia ateniense e a tomada do poder pelos tiranos é um bom exemplo da preocupação e luta de Sócrates. Platão nos diz sobre as perspectivas de Sócrates sobre uma possível vida dedicada única e exclusivamente à política, coisa que ele não desejava, já que Sócrates imaginava que teriam o assassinado se também fosse um político. Ou seja, ele sendo observador e conhecedor dos processos sociais, políticos, econômicos, históricos e religiosos que Atenas vinha passando, já previa de antemão que morreria tanto como um homem dedicado a política quanto um filósofo, entretanto foi esta segunda opção de atuação que ele escolheu e se dedicou, e que acabou dedicando a vida até a sua condenação, sentença e morte.

> Eu, atenienses, não ocupei jamais nenhum outro posto na cidade – só fui conselheiro. E coincidiu de nossa tribo, a Antióquida, estar na presidência quando vocês decidiram julgar em bloco os dez generais que não fizeram o resgate na batalha naval, de maneira ilegal, como pareceu a todos vocês tempos depois. Só eu, então, entre os presidentes me opus a que vocês fizessem algo ilegal e votei contra. E embora os oradores já estivessem preparados para me indiciar e prender – e vocês incentivassem e gritassem –, pensei que meu dever era antes me arriscar ao lado da lei e do justo do que ficar do lado de vocês (que não estavam decidindo coisas justas) por medo da prisão ou da morte. Isso era ainda com a cidade governada democraticamente. Mas depois que veio a oligarquia, foi a vez de os Trinta mandarem chamar logo a mim, e a mais quatro, à Rotunda, determinando que trouxéssemos de Salamina o salamínio Leon, para que morresse. E coisas assim eles determinaram muitas vezes a muitos outros, no desejo de abarrotar de culpas o maior número possível de pessoas. Eu, no entanto, não por palavras, mas por atos, também dessa vez mostrei que com a morte me preocupo (se não fosse algo um pouco grosseiro de se dizer (...) nem um pouco, enquanto com não efetuar nada injusto nem ímpio, com isso me preocupo totalmente. Pois a mim aquele governo, por mais violento que fosse, não atordoou o bastante a ponto de me fazer efetuar algo injusto: depois que saímos da Rotunda, os outros quatro partiram na direção de Salamina e trouxeram Leon, enquanto eu, me afastando, parti na direção de casa... E teria talvez morrido por causa disso, se o governo não tivesse sido rapidamente dissolvido. Também desses fatos vocês terão muitas testemunhas. Vocês pensam então que eu teria vivido por tantos anos se tivesse realizado as atividades públicas e, realizando-as como é digno de um bom homem, tivesse vindo em socorro do lado justo e tido isso – conforme se deve ter – na mais alta conta? Faltaria muito, varões atenienses! Nenhum outro homem teria! Ficará claro, porém, que eu, ao longo de toda a minha vida, em público (se algo realizei) fui assim, e em particular do mesmo jeito: nunca concordando com ninguém a respeito de nada que fosse

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> contra o justo, nem mesmo com nenhum desses que meus caluniadores dizem ter sido meus alunos. Eu nunca fui professor de ninguém! Mas se alguém deseja me ouvir falar e realizar o que me concerne – seja mais jovem, seja mais velho –, isso nunca neguei a ninguém. Tampouco só diálogo quando obtenho dinheiro, e quando não obtenho, não: me coloco sim à disposição, igualmente, tanto do rico quanto do pobre, para que me interroguem e – caso queiram – ouçam por meio de respostas o que digo (Platão, 2008, pp. 92-94).
>
> (...) Pois fiquem sabendo, varões atenienses: se eu, há tempos tivesse tencionado fazer política, há tempos estaria morto e em nada teria beneficiado nem a vocês nem a mim mesmo. Mas não se aborreçam comigo porque digo a verdade! É que não há quem venha a se salvar, dentre os homens, depois de se opor genuinamente a vocês ou a qualquer outra maioria, impedindo que muitas coisas injustas e ilegais ocorram na cidade (...) (Platão, 2008, p. 92).

Assim, tanto nas **Memoráveis** quanto na **Apologia** podemos verificar a apresentação, representação, falas, discursos e comportamentos como elementos e características de um homem sujeito, sensível a sua sociedade e cultura, consciente de seus atos no tecido social, responsável pelos seus atos e atuante na construção de uma sociedade melhor, ou seja, incentivava que esta buscasse a *areté*=*virtude* grega e o culminar na e com a *eudaimonia* como uma *práxis* grega.

> Que por acaso sou eu esse tipo de homem – que à cidade pelo deus foi dado – vocês poderiam perceber a partir disto: é que não se assemelha a algo humano eu ter me despreocupado de tudo que é *meu* (e já por tantos anos aguentar a família sendo negligenciada) para realizar sempre o que diz respeito *a vocês*, me dirigindo a cada um em particular como um pai ou um irmão mais velho, tentando persuadi-los a se preocupar com a virtude (...) (Platão, 2008, p. 91).
>
> (...) E se eu disser, por outro, que acontece também de ser esse o maior bem para o homem – fazer discursos todos os dias sobre a virtude e as demais coisas sobre as quais vocês me ouvem dialogar, inspecionando a mim mesmo e aos outros –, e que a vida sem inspeção não vale a pena ser vivida pelo homem, aí é que vocês, enquanto falo, vão me dar menos ouvidos ainda... (...) (Platão, 2008, p. 102).

Entretanto, fica observável claramente nas afirmações e discursos socráticos expostos por Platão, que Sócrates não deixava de fazer suas críticas ao andamento da política, da educação-formação do cidadão grego e de sua objetividade individualista que se desenvolvia com as novas propostas políticas e educacionais através e por meio dos processos que parecia conter e ou dar certa quebra da unidade do homem grego com a cidade e com a comunidade como um todo, sobretudo certa quebra no abarcar

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

do comportamento do cidadão virtuoso buscando a *Eudaimonia* do todo social holisticamente. Corrobora Xenofonte, "é nada de estranhar que os juízes se tenham enganado no seu julgamento" (Xenofonte, 2014, p. 66), e ainda afirma:

> (...) ele vivia sempre às claras; ia aos passeios públicos e aos ginásios logo pela manhã; deixava-se ver pela ágora à hora em que estava cheia de gente, e o resto do dia passava-o nos sítios onde tivesse possibilidade de encontrar mais pessoas. Falava a maior parte do tempo e todos aqueles que quisessem podiam ouvi-lo. Mas nunca ninguém viu fazer ou ouviu dizer a Sócrates algo de ímpio ou sacrílego (...) (Xenofonte, 2014, p. 62).
>
> (...) Quanto a ele discutia sempre sobre aspectos humanos, examinando o que é pio e o que é ímpio, o que é belo e o que é feio, o que é justo e o que é injusto, o que é sensatez e o que é loucura, o que é coragem e o que é cobardia, o que é a cidade e o que é participar da gestão da cidade, o que é governo e o que é ser governante, e outros assuntos do género que - pensava ele - tornavam homens de bem aqueles que os conheciam e justificava que fossem chamados escravos os que os desconheciam (Xenofonte, 2014, p. 65).
>
> Ora, com Crítias e Alcibíades foi assim: enquanto acompanharam Sócrates puderam ambos encontrar nele um aliado para vencer desejos menos próprios. (...) (Xenofonte, 2014, p. 74).

É visivelmente notório e claro a vida devota de Sócrates aos deuses da cidade, a tal ponto de se considerar uma dádiva dos deuses para a cidade, "Que por acaso sou eu esse tipo de homem – que à cidade pelo deus foi dado (Platão, 2008, p. 91)," mesmo havendo sarcasmos, ironias e provocações da parte de Sócrates, o fato é que ele realmente se dedicou a uma suposta inspiração e voz divina, bem como seu *Daímon*, 'e não uma vida religiosa ao modo dos seus acusadores,' como está sendo notado e será perceptível até o fim do trabalho em tela. E assim nos diz Sócrates: "(...) com *o deus* a me posicionar, conforme pensei e supus – que devo viver filosofando e inspecionando a mim mesmo e aos outros (...) (Platão, 2008, p. 87)," e "(...) fiquem sabendo – que o deus me ordena, e eu mesmo penso que ainda não surgiu para vocês nenhum bem maior na cidade do que meu serviço ao deus! (...) (Platão, 2008, p. 89)," e conclui:

> Por isso, então, ainda agora circulando, investigo e interrogo em conformidade com o deus – se penso que alguém, seja dos cidadãos, seja dos estrangeiros, é sábio. E sempre que me parece que não, prestando um auxílio ao deus, mostro-lhe que não é sábio. Com essa falta de tempo, não tive tempo de realizar nem uma atividade da cidade digna de menção, nem familiar, e estou, por causa da servidão ao deus, numa penúria extrema... (Platão, 2008, p. 76).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> "Varões atenienses, eu os saúdo e amo, mas obedecerei antes ao deus que a vocês e, enquanto respirar e tiver condições, receio não parar de filosofar e a vocês advertir e mostrar (a qualquer um de vocês que eu sempre encontrar), falando daquele jeito a que estou habituado (...) (Platão, 2008, p. 89)."

Quanto à questão dos deuses e a devoção de Sócrates, contribui Xenofonte (2014, p. 60): "Sócrates não; dizia apenas o que de facto sabia, dizia que a divindade lhe dava sinais. E aconselhava muitos daqueles que o acompanhavam sobre o que deviam fazer ou não, porque assim lho indicava essa divindade." E conclui,

> A Sócrates parecia-lhe que colocar questões desta natureza à consideração dos deuses era agir de forma sacrílega. Dizia, sim, que era necessário aprender as coisas que os deuses tinham determinado que deviam ser aprendidas, e procurar, através da adivinhação, indagar os deuses sobre assuntos que não são claros aos homens. Então, os deuses dariam o seu sinal àqueles que estivessem na sua graça (Xenofonte, 2014, p. 62).

Pois bem, podemos dizer que na **Apologia** platônica em relação a **Memoráveis** de Xenofonte (ou vice-versa) não apareçam apenas tais componentes e características do cidadão grego em detalhes na e da figura socrática e suas atitudes e ou características, mas em comparando os dois discípulos de Sócrates e suas narrativas apologéticas (não no sentido pejorativo ou negativo), é observável tais modos de apresentar, expor, representar, descrever e especificar as qualidades do moscardo grego, o 'grande Sócrates' distintamente em certos aspectos, pois cada autor destaca aquilo que lhe marcava na vida do filósofo e em suas palavras e discursos. No caso, o do mestre Sócrates.

Importante também dizer que ambos os discípulos socráticos em suas referidas e específicas obras, e suas apologias, cada um dos dois autores trabalha com a sua própria formação e experiências pessoais para falar do mestre, bem como de suas relações sociais com Sócrates e os demais discípulos, logo, suas ferramentas conceituais, subjetivas e objetivas, são tanto públicas quanto privadas. Toda a narrativa sobre o mestre filósofo é bem peculiar de cada autor, tanto as de Platão quanto as de Xenofonte.

> Muitas vezes me tenho perguntado, perplexo, com que argumentos aqueles que acusavam Sócrates convenceram os Atenienses de que a sua morte era um bem para a cidade. A acusação que apresentaram contra ele dizia qualquer coisa como:

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> *Sócrates é culpado de não reconhecer os deuses que a cidade reconhece e de, em sua vez, ter introduzido divindades novas; e é culpado também de corromper os mais novos.*
>
> Quanto à primeira acusação — não ter reconhecido os deuses que a cidade reconhece —, em que prova se basearam? Porque era sempre às claras que Sócrates fazia sacrifícios, vezes sem conta, tanto em casa, como nos altares públicos da cidade, e quando recorria à adivinhação também não o fazia em segredo. De resto, era lugar comum que Sócrates se dizia inspirado por uma divindade. Parece-me que precisamente por essa razão o acusaram de ter introduzido novas divindades. Mas, de novo, ele não introduziu nada de diferente do que fazem outros que, crentes na adivinhação, recorrem a auspícios, oráculos, avisos divinos e sacrifícios (Xenofonte, 2014, pp. 59-60).

Logo, apresentada essa importante relação das duas apologias e os aspectos e ângulos dos dois referidos discípulos, bem como seus lugares de fala, subjetividades, objetividades e visão do mestre, podemos adentar no Sócrates de Xenofonte e de Platão, uma vítima do fundamentalismo religioso, da intolerância e da judicialização da política, da religião e da filosofia: a condenação da arte de pensar criticamente. Sócrates não é um sujeito irreligioso ou antirreligioso, pelo contrário, sua religiosidade, talvez espiritualidade, está intrinsecamente ligada a busca da virtude coletiva e de um bem viver do coletivo da e na *pólis*, logo, sua espiritualidade está carregada de certa ética, moral e modo holístico visando ao bem de todos.

Vale ressaltar que o trabalho realizará dois movimentos de 'envergadura' sem incorrer em anacronismos, mas apenas como modos de reflexões, análises e comparações de elementos culturais e ou produtos da cultura, bem como de suas forças, tal como economia, política, religião, crenças, valores, mitos, mentalidades, comportamentos, imaginário social, ideais, códigos, leis, utopias e distopias.

E o que dizer das doenças, epidemias, pandemias e vírus que assolaram e assolam o mundo desde os tempos antigos aos atuais? Ora, é inegável que os vírus, pestes e doenças também movem a história, as sociedades e suas culturas. Sendo estes marcas ou traços de épocas e específicos a certas sociedades e culturas. Quando não se tornam globais (Ujvari, 2020).

Portanto, nosso movimento de envergadura estará focado através e por meio de espelhamentos e ou reflexos entre passado e presente, gregos antigos e sociedades contemporâneas. Isso porque os processos históricos são movidos pelas forças dos elementos da cultura e ou culturais (incluem-se os vírus, pandemias, pestes etc.), assim como também são movidos pelos movimentos e processos sócio-históricos diversos.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Ambos se complementando, cultura e história, história e cultura, e somente perceberemos tais fatos se introduzirmos olhares mais amplos e holísticos sobre as histórias e culturas da humanidade ao longo dos milênios. Ou seja, talvez olhando para pequenos detalhes da cultura e história grega antiga possamos nos ver melhor no hoje (Sahlins, 2007).

Este é o primeiro movimento de envergadura do trabalho, já o segundo traz uma complexa, porém não irrelevante ou desnecessária crítica a produção histórica e cultural do ocidente, marcadas por seus colonialismos, etnocentrismos, eurocentrismos, 'europeísmos' e ocidentalismos dogmáticos, apologéticos e de conservação das escolas de tal continente e do *status quo* de certos *cânones* da produção hegemônica ocidental-europeia. Assim sendo, o trabalho não buscará se debruçar em detalhar e ou pormenorizar fatos e elementos das leis, regras e códigos de condutas (Arnaoutoglou, 2003 possui um importante e esclarecedor trabalho sobre estes itens), bem como outros elementos culturais que nos desviem do geral que tentaremos especificar para delimitar e realizar as duas envergaduras. Ontem e hoje, histórias e culturas em questão.

Contextualizando o tempo, o espaço, o fenômeno social, político, religioso, histórico e o socrático e sua filosofia

Muitos trabalhos, pesquisas e especulações são levantadas sobre a vida, filosofia e morte de Sócrates. Sendo assim, inúmeras contribuições vão construindo tanto um mosaico sobre a vida desse filósofo tão intrigante e instigante quanto um enorme arcabouço teórico em torno dele. Talvez o que refletiremos sobre Sócrates possa ser um fato ou acontecimento corriqueiro, isolado e sem 'espelhamento' em outros tempos, situações, momentos e processos históricos, e assim sem ecoar em outras épocas, culturas e povos. Ou quem sabe sua ressonância não seja tão forte, evidente e se encontre com outras 'ondas semelhantes.'

Mas a realidade é que tudo isso pode ocorrer, desde o ecoar, espelhamentos a ressonâncias semelhantes nos e dos processos sociais, culturais, políticos e históricos. Talvez novos olhares e reflexões nesse fato da história da filosofia nos desperte para outras histórias da filosofia, outras antropologias e historiografias.

Ora, é indiscutível que geralmente e em quase todos os tempos que a ciência tem acesso, épocas e contextos, é observável que o ser humano é um ser simbólico, de sentidos, signos, significados, linguagens, histórico, social e de alguma forma dado a

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

práticas ou pensamentos ligados a e de crenças, espiritualidades, fé, mitos e religiosidades. Seja em épocas e contextos antigos como na atualidade. E quando paramos para estudar e ou pesquisar os povos antigos como sumérios, mesopotâmicos, babilônicos, egípcios, persas, gregos, romanos e dentre tantos outros, sempre nos depararemos com esses povos envolvidos com suas maneiras de espiritualidades, misticismos, crenças, deuses, religiões, ritos etc. Bem como em e com seus antropofagismos e ressignificações dos referidos. Assim como nós também as possuímos em nossa contemporaneidade e a nossos modos, porém, há sempre alguns traços que são semelhantes e outros bem peculiares em relação às práticas passadas com as atuais e vice-versa, tanto em nosso século quanto os anteriores, há sempre alguns caracteres e especificidades que nos ligam aos povos do passado e eles a nós em tais manifestações e fenômeno humano. Desse modo, a crença, os mitos, a fé e a espiritualidade como traços e caracteres humanos são quase que universais. Ou seja, até onde possuímos ciência sobre tal fenômeno é intrínseco e inerente à presença humana e suas relações sociais. Ou seja, crenças, mitos, espiritualidade e religião são vestígios e fenômenos humanos (Lévêque, 2018; Durkheim, 2014; Frazer, 1984).[2]

Vale dizer que o termo "religião" não se aplica e nem se aplicava ao mundo antigo como o que conhecemos hoje. Tanto o termo quanto como religião (ou religiões), oriundos do termo latino *religare*, religar, recolocar, retornar, trazer de volta o homem a Deus (o Deus cristão). Não podemos incorrer em anacronismos aplicando o termo "religião" hoje ao passado, pois estaríamos fora do contexto. O que poderíamos dizer é que os povos antigos tinham suas crenças, deuses, mitos e ritos de e para sua espiritualidade e ou performance espiritual e 'religiosa', mesmo os deuses ou entidades sendo materializadas em, por e através de objetos, pessoas, coisas, animais, plantas, fenômenos da natureza ou na natureza em geral. O fato é que o que denominamos 'religião' na antiguidade eram traços, ritos, elementos e ações de alguma forma de culto e culto de alguma forma, eram tipos e modos de veneração e crença, tanto a um tipo ou modo de Deus quanto de vários Deuses, 'visíveis' e ou invisíveis, animados e ou inanimados, antropomórficos, antropopatistas ou sem qualquer semelhança com humanos, animais etc. Logo, não eram tais crenças ou venerações no modo 'Religião'

[2] Esse assunto do parágrafo em questão, bem como dos dois parágrafos posteriores podem ser verificados em obras como as de: Botero, 2013; Durkheim, 2014; Gaarder, j.; Hellern, v.; Notaker h, 2016; Frazer, 1984; Armstrong, 2015; Funari, 2016; Vernant, 2017; Hume, 2007; Waiblinger, 2016; Eliade, 2017; Aslan, 2019. Há outras importantes obras das áreas de Antropologia, Sociologia, Ciências das Religiões e outras sobre os assuntos dos parágrafos mencionados.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

que concebemos na modernidade, e que observamos nas religiões atuais de modo sistematizadas, ortodoxas, sistematizadoras e institucionalizadas como na modernidade aos dias atuais. Ainda que lá ou aqui carreguem certas aparências, semelhanças e características umas com as outras, porém, muitos signos, símbolos, sentidos, significados e objetivações não são exatamente os mesmos, pois cada indivíduo tanto quanto a sociedade varia e relativiza suas espiritualidades, crenças, valores e conteúdos mitológicos e ou religiosos, fundamentalmente influenciados pela época e o contexto social, político, econômico e histórico (Freud, 2011, 2013a-b, 2014, 2015, 2017).

Logo, os homens e ou sociedades da antiguidade crentes em algo ou alguma coisa, 'religiosos,' e com seus ritos para e em algo geral ou específico, abarcavam suas crenças e culturas também por e em processos antropofágicos, incluindo e integrando com crenças de povos vizinhos e distantes, assimilando e ou introduzindo cultos, deuses, ritos e crenças de outros povos e culturas (exemplo claro são os gregos, romanos e judeus ressignificarem ritos, deuses e crenças sumérias, mesopotâmicas e egípcias seja na cultura grega quanto no judaísmo, assim também como os gregos foram 'devorados' pelos romanos, bem como também o Cristianismo trazer em sua essência elementos de várias religiões, culturas etc.).

Talvez possamos chamar de trocas culturais ou simplesmente antropofagismo religioso-cultural. E como estamos falando dos gregos, como não lembrar que eles absorveram em muito elementos também de culturas mesopotâmica, egípcias, orientais e dentre outras, e assim foram formando seu modo religioso com seus mitos, ritos, deuses e panteão.

É importante também dizer e ressaltar que historicamente também houve muitos conflitos, guerras, lutas e embates sociais, políticos e econômicos na história humana por questões de cunho religioso, desde a antiguidade até a modernidade. Ou seja, tais conflitos religiosos vêm desde a Suméria, Mesopotâmia, Pérsia, Egito, Grécia, Roma, judeus, babilônicos etc., bem como pelas e nas Cruzadas, nas Reformas Protestantes, nas Contrarreformas, na noite de São Bartolomeu, pelos tribunais das inquisições, a Companhia de Jesus, a Jihad muçulmana, as guerras 'cristãs' na atualidade e assim por diante. Ou seja, em todos esses fatos houve a presença de conflitos, militância e lutas com elementos religiosos, porém, em certos momentos no pano de fundo estavam questões políticas, econômicas, ideológicas e culturais, já em outros momentos a questão religiosa era o pano de fundo de muitos conflitos, guerras e embates.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Retornando ao período grego para nos situar no trabalho em tela, isso quanto à Grécia antiga, e especificamente a Atenas na era 'Clássica' de Sócrates, Platão, Xenofonte e outros contemporâneos de Sócrates aqui citados, e que conviveram com o moscardo Ateniense, seus ensinamentos e filosofia, poderíamos dizer que esta cidade-estado independente denominada de Atenas e que compunha um mosaico que formava a Grécia antiga, era uma cidade já 'bastante aberta' a outras culturas, pensamentos, ritos e religiosidades. Digo bastante aberta em relação a outras cidades gregas mais fechadas e conservadoras, como no caso de Esparta. Atenas sendo mais tolerante e Esparta mais intolerante, isso em alguns aspectos políticos, governamentais, educacionais e dentre outros. Não por menos que Atenas era um dos centros do mundo antigo na e da região. Isso 'pelo seu poder,' sua força e imposições de diversas formas.

Desse modo, Atenas recebia e enviava pessoas de e para diversas partes. E junto iam e vinham elementos culturais e religiosos (os sofistas, os filósofos, os estrangeiros, escravos e os comerciantes que o digam). Mas é claro que havia na cidade de Atenas, como em qualquer outra cidade Grega da época, indivíduos, líderes, grupos e facções mais conservadoras e radicais, ou ao menos tendiam a isso, a um fundamentalismo e conservadorismo violento. E desse modo supervalorizavam seus ritos, deuses, crenças e religiosidades. Na **Apologia** platônica e nas **Memoráveis** de Xenofonte podemos observar esses traços, porém ambos os autores colocam suas narrativas de modo a suas percepções. E como isso ocorre? Vejamos as armadilhas dos acusadores colocadas para tentar apanhar Sócrates e seus modos de se desvencilhar de seus perseguidores e acusadores:

> (...) Meleto, você afirma que eu corrompo os mais jovens? Sim, claro, conforme está na denúncia que você fez: "Ensinando a não crer nos deuses em que a cidade crê, mas em coisas numinosas diferentes, novas". Não é ao ensinar isso que você está dizendo que os corrompo?
>
> "Mas com certeza, é isso mesmo que estou dizendo."
>
> Em nome então desses próprios deuses, Meleto, de que falamos agora, diga ainda mais claramente, para mim e para estes varões *(aponta para o júri)*, pois eu, pessoalmente, não sou capaz de compreender se você está dizendo que ensino a crer na existência de alguns deuses (e então eu próprio creio na existência de deuses e não sou absolutamente ateu nem é por aí que ajo mal) – porém não exatamente naqueles em que a cidade crê, mas em *diferentes*, e é por isso que você me intima, porque *diferentes* –, ou se você está

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

afirmando cabalmente que eu próprio não creio em deuses e ensino isso aos demais...

"É isso que estou dizendo, que você não crê absolutamente em deuses."
(...), Mas então, em nome de Zeus, é isso mesmo que lhe parece, que não creio na existência de deus algum?

"Que não, por Zeus, nem de uma maneira nem de outra!"

Você é inacreditável, Meleto! E assim como parece ser para mim, deve parecer para você mesmo...

Pois este homem *(aponta para Meleto)*, varões atenienses, me parece ser muito soberbo e insolente, e simplesmente fazer esta denúncia por uma soberba, uma insolência, uma molecagem. Ele se assemelha a quem põe à prova compondo como que um enigma: "Será que Sócrates, o sábio, vai perceber que fico me divertindo e entrando em contradição comigo mesmo, ou vou enganar por completo a ele e aos demais ouvintes?". Pois me parece que este homem entra em contradição consigo mesmo em sua denúncia, como se dissesse: "Sócrates age mal ao não crer em deuses, embora crendo em deuses...". Mas isso é de quem está brincando! (Platão, 2008, pp. 82-83).

(...) Vocês já ouviram, varões atenienses; eu lhes disse toda a verdade: porque gostam de ouvir os que pensam ser sábios (mas que não são...) sendo inspecionados, pois não é algo desprazeroso... Isso a mim, conforme já disse, o deus tem determinado fazer, a partir das adivinhações e dos sonhos – e por todos os meios com os quais qualquer outra providência divina alguma vez também determinou a um homem fazer o que quer que seja (...) (Platão, 2008, p. 95).

(...) Pois não é para isso que o jurado toma assento – para fazer da justiça favor –, mas para *julgar*. E ele não jurou favorecer a quem bem lhe parecesse, mas sim *fazer valer as leis*. Portanto, nem nós devemos acostumá-los – a vocês – a jurar em vão, nem vocês devem se acostumar, pois nenhum de nós estaria sendo religioso... Sendo assim, não esperem, varões atenienses, que eu me obrigue a fazer tais coisas com vocês, as quais não considero nem belas, nem justas, nem piedosas, principalmente, por Zeus, quando estou me defendendo da acusação de irreligiosidade feita por este Meleto aqui *(aponta para o acusador)*.

Porque, evidentemente, se os persuadisse e com meu apelo os forçasse a violar os juramentos, a existência de deuses eu os estaria ensinando a *não considerar*, e simplesmente estaria, ao me defender, fazendo minha própria acusação – de que não creio em deuses... Mas falta muito para ser assim! Pois eu creio, varões atenienses, como nenhum dos meus acusadores crê; e deixo agora com vocês – e com o deus – me julgarem conforme há de ser melhor, tanto para mim quanto para vocês (Platão, 2008, p. 98).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

E Xenofonte contribui com suas percepções sobre as distorções dos acusadores de Sócrates contra o filósofo, importante desde já salientar para Xenofonte Sócrates como um homem do povo e preocupado com o povo, mas não o confundamos com pessoas populares, populismos e ou populistas da vida política, artística e sobretudo da concepção e compreensão moderna, ou talvez possamos nos situar do período do Império Romano aos dias atuais. Mas não pensemos tal termo, ação e concepção de forma linear e nem igual do tempo e no espaço social, político, econômico e histórico, já que o ser homem do povo e preocupado com o povo vai mudando da história e pelas influências de seus processos.

> Mas, Sócrates - repetia o acusador – ensinava os filhos a denegrir os pais, convencendo os seus companheiros de que os tornava mais sábios que os seus progenitores, uma vez que dizia que era uma situação legal um filho pôr o pai na prisão, caso este estivesse louco. Esta disposição provava que estava previsto por lei que o mais ignorante fosse condenado pelo mais sábio.
>
> Ora, pelo contrário, o que de facto Sócrates pensava era que aquele que tem a ignorância como justa causa para condenar alguém à prisão, se está a autocondenar depois à mão de outros que conheçam matérias que ele próprio não domina (...).
>
> Pois, só que Sócrates - continuava o acusador - levara os que o acompanhavam a desonrar não só os pais, mas também os outros parentes, dizendo-lhes que aos doentes e aos réus de nada valiam aqueles que lhes eram próximos e sim os médicos ou aqueles que soubessem como agir num tribunal. E acrescentava, ainda, que também dos amigos dizia ele que a sua boa-vontade não teria qualquer utilidade a não ser que estivessem capacitados para ser úteis. Os únicos a quem reconhecia mérito eram aqueles que tinham os necessários conhecimentos para agir em cada situação e a possibilidade de os esclarecer.
>
> Deste modo, apresentando-se assim aos seus companheiros, convencia os mais novos de que ele era o mais sábio e mais habilitado a tornar sábios os outros, e que nunca encontrariam junto de qualquer outro o que encontravam junto dele (Xenofonte, 2014, pp. 84-85).
>
> O acusador alegava ainda que, dos mais famosos poetas, ele escolhera os passos mais imorais e, partindo desses exemplos, ensinara os seus companheiros a ser malfeitores e despóticos.
>
> (...) Sócrates concordara era que o trabalho é benéfico e bom ao homem, tal como não trabalhar é prejudicial e mau, e que trabalhar é bom e não trabalhar é mau; e dizia também que os que trabalham estão a fazer algo bom e que os que trabalham são bons, e, pelo contrário, os que se abandonam à sorte ou cometem qualquer outra falta ou irregularidade se chamam ociosos.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> Esta concepção batia certo com a tal máxima:
>
> *O trabalho nada tem de mau, mau é não trabalhar.*
>
> Mas o acusador, depois, alegava ainda que ele citava muitas vezes também aquele passo de Homero, em que Ulisses.
>
> *Quando encontrava um rei ou um homem nobre aproximava-se dele, e com palavras suaves, sossegava-o:*
> *«Amigo, que não te pareça errado sentir medo;*
> *senta-te, pois, tu, e faz sentar os teus homens.»*
> *Depois se era a vez de encontrar um homem do povo, em altos brados, batia-lhe com o ceptro e censurava-o, dizendo:*
> *«Amigo, deixa-te estar sentado e ouve as palavras daquelesque são melhores que tu: tu que não és guerreiro nem valente,que não contas nem na batalha nem no conselho.»*
> e que o interpretava como se o poeta tivesse louvado que se batesse nos homens do povo e nos pobres.
>
> Mas, Sócrates nunca disse tal coisa!
> Porque se assim fosse, bem se teria julgado a si mesmo merecedor de pancada!
>
> Ora, o que ele dizia era que aqueles que não são úteis, nem na palavra, nem na ação, nem ao exército, nem à cidade, nem mesmo ao povo, e que mesmo quando são precisos são incapazes de qualquer auxílio, se, além do mais, forem também arrogantes, devem ser travados a todo o custo, mesmo que se dê o caso de serem muito ricos.
>
> Sócrates, bem pelo contrário, mostrava-se amigo do povo e preocupado com os seus semelhantes. E, embora fosse procurado por muitos, conterrâneos e estrangeiros, nunca negociou o seu ensino por qualquer salário; repartia-o, antes, com liberalidade, por todos eles. Desses, alguns, tendo recebido junto dele, de graça, alguns conhecimentozinhos, vendiam-nos - e bem! - aos outros, sem serem amigos do povo, como ele era. E recusavam-se até a dialogar com quem não tivesse com que lhes pagar.
>
> Sócrates ganhou prestígio para a cidade junto dos outros homens, e muito mais do que Licas, na Lacedemónia, que por essa mesma razão se tornou glorioso. É que, enquanto Licas recebia como hóspedes os estrangeiros que visitavam a Lacedemónia na altura das competições juvenis de ginástica, Sócrates passou a vida toda a gastar os seus bens e foi o mais útil que pôde a todos quantos o procuravam. E os que tinham estado na sua companhia já se tinham tornado melhores quando os deixava ir. E tendo, a meu ver, estas qualidades parece-me que Sócrates merecia da cidade melhor honra do que a morte (Xenofonte, 2014, pp. 86-88).

Ora, podemos nessa discussão entre acusações, diálogos e interpretações que enquanto Platão expõe um Sócrates profundamente comprometido com a verdade, a liberdade crítica, o justo, a ética e a moral, a liberdade de pensamento, a educação e a

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

formação do cidadão grego, a filosofia, a justiça, o bem, o belo, a coragem, a *areté* grega (virtude grega), a religiosidade holística que abarque a virtude e a Eudaimonia, e assim por diante, um Sócrates bastante filosófico e educador (com seu gênio e ou *Daímon*, quase um ser dotado espiritualmente ou pelos deuses), Xenofonte o apresenta como um Sócrates mais cidadão, líder, soldado, fiel, digno, honrado e com aspectos também ligados a *areté*, porém mais na dimensão social, carnal-humano e relações sociais (Platão, 2008, 2016; Xenofonte, 2014). A tais fatos, Xenofonte nos auxilia com a postura, razão, juízo e ponderações de Sócrates quando presidente da assembleia do conselho é influenciado e realizar um julgamento arbitrário e injusto, o que Sócrates não concorda e se nega,

> (...) não será de estranhar, sim, que não tenham sido ponderados outros aspectos que toda a gente conhecia? Como, por exemplo, o que aconteceu naquela ocasião em que, fazendo parte do Conselho e tendo prestado juramento como conselheiro, o que o obrigava a agir segundo as leis, foi nomeado para a presidência da Assembleia, na altura em que o povo, e contra o estabelecido pela lei, tencionava, com um voto apenas, condenar à morte Trasilo e Erasinides e os outros nove estrategos também. Ele não quis aceitar a deliberação e atraiu sobre si o ódio do povoe as ameaças de muitos dos poderosos; mas, para ele, tinha mais valor manter a sua palavra do que agradar ao povo numa decisão que contrariava a justiça ou do que evitar aqueles que o ameaçavam (...).
>
> (...) Sócrates, pelo contrário, julgava que os deuses conheciam tudo quanto se diz, tudo quanto se faz, tudo quanto se planeia em silêncio; e que estavam presentes em todo o sítio e enviavam sinais aos homens sobretudo quanto aos homens diz respeito (Xenofonte, 2014, p. 66).

Os expostos foram apresentados da referida forma apenas para demonstrar os modos de pensar um Sócrates mais abstrato e abstratizado pelo pensamento filosófico em Platão diante de um Sócrates mais cidadão, carne, paixões, relações, sensações em Xenofonte. Em Platão o modelo ou ideal de homem é o Filósofo e o filosofar, e em Xenofonte o modelo ou ideal é o de cidadão. Porém, ambos autores e discípulos de Sócrates irão expressar tais ideais e categorias simultâneas em Sócrates, entretanto, cada um desses destacará um Sócrates de acordo com sua perspectiva e ideal de homem-cidadão, sociedade e cidade.

Ambos os autores e suas obras corroboram uma com as outras, trazem novidades e pensamentos, olhares e identidades socráticas. O problema de muitas vezes não enxergarmos tais fatos, características e elementos é pelo fato da

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

colonização e interpretação europeia do pensamento grego, da filosofia grega e do que vem posterior. Do que se pode ou não ver lá, tanto na história quanto na cultura e pensamento 'grego-oriental-ocidental-europeu' (Platão, 2008; Xenofonte, 2014; Bosi, 2012; Hobsbawm, 2017; Ferro, 2017).[3]

Seguindo os passos de Sócrates

Antes de prosseguirmos, é preciso dizer que Sócrates não se colocava como mestre e sempre afirmou não ensinar nada, pois para ele ser mestre e ensinar era função de quem realmente sabia quanto de como ensinar, e ele como sempre assumia a posição e postura de um 'ignorante' no sentido de não saber absolutamente e com certeza as coisas quanto ser capaz de saber ensiná-las, logo, ele não poderia ter a capacidade para tal, pois isso quem fazia eram os mestres de ensino, coisa que ele dizia não ser, e por isso sua única vantagem no saber, era saber que não sabia e que não era mestre para ensinar o que não sabia e ou tinha certeza se sabia ou não. Ora, esta era uma clássica postura dos métodos e procedimentos da irônica e da *maiêutica* socrática diante de seus interlocutores e daqueles que afirmavam saber e conhecer verdadeiramente as coisas.

> (...) E o que é isso, senão aquela ignorância mais reprovável: a de se pensar saber o que não se sabe? Eu, varões, nisso talvez divirja aqui também da maioria dos homens. E se afirmasse que de fato sou mais sábio que alguém em algo, seria nisto – porque, assim como não sei o suficiente sobre as coisas (...) (Platão, 2008, p. 88).

> Por fim, me dirigi aos técnicos. Sabia comigo mesmo que eu, a bem dizer, não conhecia nada, mas quanto a eles – sabia que os descobriria conhecedores de muitas e belas coisas! E nisso não estava enganado: conheciam sim o que eu não conhecia, e por aí eram mais sábios que eu. Porém, varões atenienses, me parecerem ter, também esses bons trabalhadores, o mesmo defeito que os poetas: por efetuar belamente sua arte, cada um se achava também o mais sábio nas demais coisas (nas mais importantes!), e, esta desmedida deles ocultava aquela sabedoria... De modo que fui perguntando a mim mesmo – em nome do oráculo – se eu preferiria ser assim como sou, nem sábio na sabedoria deles nem ignorante na ignorância, ou possuir essas duas coisas que eles possuem. Respondi então a mim mesmo e ao oráculo que seria mais proveitoso para mim ser como sou (Platão, 2008, pp. 75-76).

[3] Para uma introdução sobre a possibilidade de reflexões decolonial, descolonial e anti-etnocentricas, consultar Duarte, 2021, 2022 A-B, 2023.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> Além do mais, os jovens que seguem comigo – os que têm mais tempo livre, entre os mais ricos, *por vontade própria* – gostam de ouvir os homens sendo "inspecionados", e eles mesmos muitas vezes me imitam, ou seja, tentam "inspecionar" outros... Como consequência, descobrem, penso eu, grande abundância de homens que *pensam* saber algo, mas que pouco ou nada sabem. A partir daí então os "inspecionados" por eles passam a odiar *a mim*, e não a si mesmos, e a dizer que Sócrates é um miasmático e corrompe os jovens... E quando alguém lhes pergunta o que ele faz e o que ensina, não têm nada a dizer – ignoram –, mas, para que não pareça que estão em aporia, falam aquilo que anda sempre à mão contra todos que filosofam – "as coisas suspensas no ar e as sob a terra, e a não crer em deuses, e a tornar superior o discurso inferior". Porque a verdade (penso eu) eles não gostariam de dizer: que há evidência de que, nada sabendo, só *fingem* saber (Platão, 2008, p. 77).

> Retomemos então do princípio qual é a acusação, com base na qual surgiu a calúnia, a que precisamente dando crédito Meleto fez esta denúncia contra mim. Pois bem. O que diziam os caluniadores ao me caluniarem? É preciso ler a declaração juramentada deles, como se de acusadores de fato: "Sócrates age mal e faz mais do que deveria ao investigar as coisas sob a erra e as celestes, e ao tornar superior o discurso inferior, e ao ensinar a outros essas mesmas coisas". É alguma coisa assim (Platão, 2008, p. 68).

Dito de outra forma, Sócrates nunca afirmou saber nada e nem tão pouco ser mestre de ensino ou mestre de ninguém, uma vez que ele estava apenas a buscar o conhecimento verdadeiro das coisas, mas que geralmente nunca alcançava uma certeza clara e absoluta dada a complexidade das coisas, da linguagem, a correspondência entre coisas, objetos e termos, a complexidade da cultura, da sociedade e das relações sociais, desse modo Sócrates sempre deixava suas discussões caírem em aporias, objetivos de seu procedimento e *método* indagativo-discursivo irônico e *maiêutico,* já que a finalidade desses era justamente demonstrar que não sabemos ou conhecemos verdadeiramente as coisas que pensamos que sabemos ou conhecemos.

> (...) Pois certa vez, indo a Delfos, se atreveu a solicitar esta adivinhação (como eu estava dizendo, *não façam tumulto*, varões): perguntou se alguém seria mais sábio que eu. Retrucou então a Pítia que não havia ninguém mais sábio. (...)

> (...) Depois de ouvir aquelas palavras, fiquei refletindo assim: "O que é que o deus está dizendo, e o que é que está falando por enigma? Pois bem sei comigo mesmo que não sou sábio – nem muito, nem pouco. O que ele está dizendo então, ao afirmar que sou o mais sábio? Certamente não está mentindo, pois para ele não é algo lícito". E depois de ficar muito tempo em aporia (o que será que ele está dizendo?), a muito custo me voltei para uma investigação disso, da seguinte maneira: fui até um dos que parecem ser sábios, porque, se havia um lugar, era esse onde eu refutaria o adivinhado e mostraria ao

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> oráculo – "este aqui é mais sábio do que eu, e você afirmava que era eu..."
>
> Ao examinar bem então esse homem (não preciso absolutamente chamá-lo pelo nome; era um dos envolvidos com a política esse junto ao qual tive, examinando-o, esta impressão) e ao dialogar com ele, varões atenienses, me pareceu que parecia ser sábio para muitos outros homens e principalmente para si próprio, *mas que não era*. Em seguida, fiquei tentando lhe mostrar que ele *pensava* ser sábio, mas que não era. A partir daí me tornei odiado a ele e a muitos dos circunstantes e, indo embora, fiquei então raciocinando comigo mesmo – "Sou sim mais sábio que esse homem; pois corremos o risco de não saber, nenhum dos dois, nada de belo nem de bom, mas enquanto ele *pensa* saber algo, *não sabendo*, eu, assim como *não sei* mesmo, também *não penso* saber... É provável, portanto, que eu seja mais sábio que ele numa pequena coisa, precisamente nesta: porque aquilo que não sei, também não penso saber."
> Daí me dirigi a um outro – dentre os que pareciam ser ainda mais sábios que aquele – e me pareceu a mesma coisa; também aí me tornei odiado não só a esse homem, mas também a muitos outros! Depois disso me dirigi a uma série, percebendo com perturbação e temor que me tornava odiado – e, no entanto, parecia imperioso ter na mais alta conta o dito do deus! "Devo ir então – para examinar o que o oráculo está dizendo – até *todos* aqueles que parecem saber algo." E, pelo cão, varões atenienses, já que é preciso lhes dizer a verdade, realmente, a impressão que eu tive foi esta: enquanto os mais benquistos por pouco não me pareceram (a mim que investigava em conformidade com o deus) *carentes máximos* de uma conduta reflexiva, outros – que parecem ser homens mais banais – *mais razoáveis* me pareceram!
>
> Por fim, me dirigi aos técnicos. Sabia comigo mesmo que eu, a bem dizer, não conhecia *nada*, mas quanto a eles – sabia que os descobriria conhecedores de muitas e belas coisas! E nisso não estava enganado: conheciam sim o que eu não conhecia, e por aí eram mais sábios que eu. Porém, varões atenienses, me parecerem ter, também esses bons trabalhadores, o mesmo defeito que os poetas: por efetuar belamente sua arte, cada um se achava também o mais sábio nas demais coisas (nas mais importantes!), e esta desmedida deles ocultava aquela sabedoria... De modo que fui perguntando a mim mesmo – em nome do oráculo – se eu preferiria ser assim como sou, nem sábio na sabedoria deles nem ignorante na ignorância, ou possuir essas duas coisas que eles possuem. Respondi então a mim mesmo e ao oráculo que seria mais proveitoso para mim ser como sou (Platão, 2008, pp. 73-75).
>
> Eu nunca fui professor de ninguém! Mas se alguém deseja me ouvir falar e realizar o que me concerne – seja mais jovem, seja mais velho – , isso nunca neguei a ninguém (...) (Platão, 2008, p. 94).

Logo, diante dos expostos e reflexões acima, podemos dizer que Sócrates está realizando três movimentos distintos de buscas em seu filosofar criticamente, (A) Se os deuses realmente 'acertaram' em dizer que ele, Sócrates era o mais sábio dos homens

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

naquela época e contexto; (B) Ele descobria que seus interlocutores que afirmavam saber sobre as coisas na verdade não sabiam realmente nada, talvez em alguns casos apenas superficialmente, e no geral e ou na maioria dos casos não sabiam quase nada, incluindo-se muitas contradições e incoerências de e entre seus interlocutores e seus discursos; e (C) Sócrates descobria que ao reconhecer sua ignorância e buscar a verdade das coisas ele não era sábio, mas que fazendo isso, buscando saber ou conhecer, de alguma forma e em certa medida se tornava sábio, ao menos diante dos que afirmavam saber e nada sabiam de verdade, ou seja, ele, Sócrates não a possui (a sabedoria), mas a busca, logo, descobre que ele está em vantagem dos que dizem saber sem realmente saberem com certeza, sendo assim, ele, Sócrates possui algum saber, no qual os deuses e o oráculo mencionou-mencionavam. Ou seja, ele é sábio porque sabe que não sabe de verdade, realmente e com certeza, mas busca saber sobre a verdade de todas as coisas. Mesmo caindo em aporias.

Portanto, sua atitude e reflexão filosófica era para a busca do conhecimento e despertar seus interlocutores ao mesmo objetivo, e isso por meio e através de seu método e procedimento *maiêutico*, dialógico, dialético e em conversas indagativas sobre muitas questões, que quase sempre caminhavam com e em 'estágios' de aporias. Sócrates deixa claro que tem uma "vocação, chamado e ou missão divina," o filosofar (até mesmo isso poderia ser indagado como um saber. Mas ele não afirma que sabe disso, ele está na busca de saber e ou descobrir isso, se é sábio ou não, se os deuses disseram a verdade ou não, portando, sua 'missão-vocação' constitui também uma 'auto busca').

Desse modo, quando o caro leitor observar a expressão "o mestre Sócrates" ou "o mestre", é apenas um 'título' ou pronome de tratamento dado posteriormente a ele, já que quem passa a conhecê-lo não consegue se eximir da "afetiva" responsabilidade de compreendê-lo como tal, a um 'grande mestre,' e também por convenção quase que universal, o referido recebe tal título ou pronome de tratamento, logo, nós também o teremos como um estimado mestre, e assim o apresentamos, apresentaremos e o colocamos e o colocaremos em alguns momentos como perceptível no trabalho em tela.

Importante também desde já deixar claro que enquanto os pré-socráticos se preocupam com a busca de razões e 'verdades' exteriores, do cosmos, do universo, sua origem e ordem, a *arkhé*, os sofistas relativizam a educação, formação e seus conteúdos, bem como a primazia de uma educação voltada para a arte do discurso, do

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

falar bem e de como se vencer os e nos debates, para que assim tais sujeitos se tornassem notórios e aptos ao exercício efetivo e 'eficaz' da prática política. Até esse momento já podemos observar todo o sistema, estrutura, cenário e contexto social, econômico, histórico, jurídico, epistemológico e político em que Sócrates está inserido, bem como as problemáticas concernentes as questões religiosas já mencionadas, e ainda a serem mais bem examinadas durante, e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa em tela.

Ou seja, quase que de modo geral (havendo poucos casos específicos) os sofistas apenas propagavam e ensinavam certa educação de e para o ganho pessoal, individual e de grupos específicos, e não um benefício para com a coletividade, conforme ansiava Sócrates. Sem mencionar que tal educação sofística era paga e bastante cara. Sócrates em todo esse contexto, bem como dos embates e conflitos políticos e filosóficos, se volta para uma nova prática de filosofia e filosofar, tanto 'diferente' dos pré-socráticos em certo aspecto, quanto dos sofistas; no caso o socrático é um filosofar para dentro, para o interior e para a alma, abarcando a criticidade das coisas do homem, suas relações sociais e do mundo.

Na Apologia de Platão, Êutifron, podemos observar quatro fatos interessantes que ligam Sócrates aos fatos enunciados, (1) a relação política de um de seus acusadores; (2) a lamentação ou contestação de Sócrates diante das acusações e pelo processo que é vítima injustamente; (3) a reputação, estima e prestigio que alguns tinham por Sócrates e (4) seu chamado para a filosofia incompreensível por muitos e objeto que virou instrumento da causa de perseguição de Sócrates, filosofia esta tida erroneamente ou objetivamente por seus acusadores como filosofia originaria dos físicos e antideuses e sofistica, vejamos o diálogo:

> ÊUTIFRON
> Não me vem, Sócrates. Mas então, qual a denúncia que ele fez contra você?
>
> SÓCRATES
> Qual? Um nada desprezível, me parece; pois entender de tamanho assunto quando ainda se é jovem não é coisa banal! Ele sabe, conforme diz, de que modo os jovens são corrompidos e quem são aqueles que os corrompem. Corre o risco de ser um sábio – e, por notar minha ignorância ao corromper os de sua idade, vem me acusar junto à cidade tal qual junto à mãe... E me parece ser o único, dos envolvidos com a política, a começar corretamente, pois é correto que Meleto milite primeiro pelos jovens, para que sejam os melhores possíveis, assim como se espera que o bom lavrador milite primeiro

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> pelas plantas jovens, e só depois disso pelas outras também. Além do mais, talvez Meleto esteja "arrancando" a nós primeiro, que "corrompemos as germinações dos jovens", conforme diz; em seguida, depois disso, é claro que, militando pelos mais velhos, ele se tornará para a cidade culpado pelos maiores e mais numerosos bens – pelo menos é o que se espera que ocorra com quem teve um tal começo!
>
> ÊUTIFRON
> É o que eu gostaria, Sócrates, mas receio que aconteça o contrário. Pois me parece que ele simplesmente começa por prejudicar a cidade pela lareira ao tencionar fazer mal a você. Mas me diga: ele diz que você corrompe os jovens fazendo o quê?
>
> SÓCRATES
> Coisas estranhas, admirável homem, para se ouvir assim. Pois diz que sou fazedor de deuses e que, por isso mesmo – por fazer novos deuses e não crer nos antigos –, me denunciou, conforme diz.
>
> ÊUTIFRON
> Compreendo, Sócrates. É porque você mesmo diz que "o sinal numinoso" está a todo momento com você. É por você abrir um novo filão em relação às coisas divinas que ele fez essa denúncia, e então vem até o tribunal para caluniá-lo – sabendo que assuntos desse tipo incitam a maioria à calúnia. Pois de mim também, quando lhes digo algo na assembleia a respeito das coisas divinas, predizendo-lhes o futuro, eles dão risada, como se eu estivesse louco! Porém nada do que eu predisse foi dito sem verdade; eles é que têm inveja de nós todos que somos deste jeito. Mas não devemos absolutamente nos preocupar com eles – antes devemos "ir ao seu encontro" (Platão, 2008, pp. 26-28).

É importante atentar a tais fatos, pois eles estarão na discussão do fulcro da perseguição, acusação, condenação e morte de Sócrates. Bem como o alvo de ataques que se torna a filosofia socrática. Inclusive retomaremos essas discussões e a desdobraremos até as considerações no trabalho em tela.

A filosofia socrática não deseja 'perder tempo' com a razão em fundamentos do universo, e nem tão pouco com a capacidade de vencer debates (por isso não é física – pré-socrática e nem sofistica), mas sim com a educação e formação do cidadão grego e do bem viver, visando o bem do coletivo.[4] É uma arte de filosofar não do porquê do

[4] A tais acusações sobre ser um físico ou sofista Sócrates se defende dos acusadores:" (...) tentavam convencê-los e me acusar de algo ainda mais não verdadeiro: de que há um certo Sócrates, homem sábio, pensador das coisas suspensas no ar, e que tem investigado tudo que há sob a terra, e que torna superior o discurso inferior (...) (Platão, 2008, p. 67)" e concluí "Esses, varões atenienses, os que espalharam essa fama – esses são os meus mais hábeis acusadores, pois os que lhes deram ouvidos consideram que os que investigam essas coisas também não creem em deuses (...) (Platão, 2008, p. 68). Corrobora Xenofonte (2014, pp. 62-63) "(...) E não discutia, como o faz a maior parte dos outros, sobre a natureza do universo, examinando o funcionamento dessa entidade a que os sábios chamam Cosmos ou sobre quais as leis que presidem a cada um dos fenómenos celestes (...)."

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

universo ou das coisas, mas o porquê de as coisas serem como são, para que são e sobretudo, qual a razão do ser humano ou alma diante de tudo e do mundo. Sócrates está preocupado com a educação virtuosa do cidadão grego. E uma educação crítica.[5]

Sendo assim, Sócrates se apossará da racionalização e sistematização filosófica desde a pré-socrática quanto ao modo e estilo sofista, e reformulará uma filosofia não voltada para o cosmo ou para o ganhar debates, mas sim voltada e apontada diretamente para os 'homens', a sociedade e suas relações sociais. E daí realizar os procedimentos da criticidade de tais.

Acredito que aqui já há um processo dialético socrático, no qual se inserem os ensinamentos, conteúdos e realidades interiores e exteriores, que são introduzidos nos indivíduos, assim como também o foi em Sócrates, porém neste não são apenas introduzidos os conteúdos sociais, mas são refletidos, repensados, problematizados, postos em crítica e novamente exteriorizados de modo oral e indagativo (caminhando para suas famosas aporias), nas famosas indagações, perguntas e diálogos socráticos. Um processo de interiorização, crítica do que é interiorizado, problematizado e logo exteriorizado. E isso vai custar caro a Sócrates.

Desse modo, será nessa filosofia do homem, da sociedade e da busca de si e em si nos e dos referidos que Sócrates 'abandona' a filosofia da busca do cosmo e da *arkhé*, e se dedicará pelo resto da vida, e até a sua morte, e morte por causa de tais buscas e inquietações, a um modo de filosofia ou filosofar que se centraliza no homem, na alma, na virtude, na sociedade e nas e das relações sociais, bem como culturais e religiosas. Incluindo aí a busca do saber, como saber e quais seus fundamentos e condições para se tentar chegar ao saber de algo.

Sócrates não quer saber o porquê e como do universo e de sua origem, ordem ou princípio, mas sim o de como bem viver e agir, o que é a bondade e como praticá-la, o que é a coragem e como exercê-la, o que é o bom-certo-justo e como fazê-lo, o belo e como atingi-lo, a justiça e como exercê-la, e tantos outros fatos e elementos, e que se relacionados termos e conceitos com as práticas e realidade (interpretações e ou representações) dos mesmos, onde há e por que há as contradições.

Não nos admiraria que em Sócrates há uma transformação ou reelaboração da filosofia pré-socrática e sofística como já dito e importante deixar enfatizado, e que nos

[5] Na obra de Platão O Banquete, podemos dizer que Sócrates nos traz profundas e importantes reflexões e ensinamentos sobre a amizade, o amor, a lealdade, a tolerância, as relações sociais, a educação e dentre outras.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

inquieta com 'o famoso aforisma:' "Conhece-te a ti mesmo." Sendo uma problematização, inquietação e busca não de fundamentos universais exteriores, mas interiores. O qual nos inspira a dizer que parece que tal frase movia Sócrates a mover também a filosofia do cosmo pré-socrática para os humanos, mover a sociedade e as relações sociais crivadas pelo pensamento e/ou reflexão crítica. O referido aforisma "conhece-te a ti mesmo," inscrito no portal de Delfos, 'perturba' Sócrates a tal ponto de o filósofo sair à busca de conhecer a si e aos outros. E assim Sócrates inspirará outros após ele que também partirão na mesma jornada, à busca pelo conhecimento, o que é possível conhecer, como conhecer, quais seus fundamentos, condições e assim por diante. Sócrates tem uma grande preocupação com o desenvolvimento virtuoso do coletivo.

Logo, em tal movimento do exterior para o interior e do interior para o exterior, o estimado mestre sai a busca de conhecer, e conhecer a si mesmo através de seu próprio ser, inclusive também a si mesmo através dos e com os outros, como se o outro fosse um espelho para si e para a busca da compressão dele mesmo e dos outros, e não por menos, cabe sua intrigante e instigante afirmação: "Só sei que nada sei." Tal ignorância de si e sobre si também o coloca a não conhecer bem a si e aos outros, bem como se ver neles e por eles a própria ignorância. E isso gera um novo saber, o que não sei e/ou penso que sei sobre a "realidade" (ou representação) e sua relação com as coisas. Não nos espanta o oráculo de Delfos dizer ao amigo de Sócrates, Querefonte, que Sócrates era o mais sábio dentre os homens (Platão, 2008, 2016; Xenofonte, 2014).

Isso porque Sócrates sabia que não sabia, mas ao descobrir que saber (ou não saber), de que não se sabe ou sabia nada, largou a fixidez da ignorância e deixou a mesma se mover na e pela busca do saber, 'incluindo o abandono' pela preocupação com o mundo exterior, o cosmo, a *arkhé* e universo, e assim saiu na busca do mundo interior, e ao mesmo tempo do problema do 'homem, da sociedade, da linguagem e das relações sociais,' compará-los e confrontá-los com e diante da "realidade" e em correspondência com e das coisas, palavras e conceitos, como se o que é e por que é. Quais correspondências? Fundamentos, "realidades" etc. Surge a arte do pensamento crítico ou a arte de pensar criticamente, e isso é arte e ato de liberdade.

> O ato do artista ou do filósofo é livre, mas não sem motivo. Sua liberdade reside no poder de equívoco do qual falávamos [...] ela consiste em assumir uma situação de fato, atribuindo-lhe um sentido

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> figurado para além de seu sentido próprio. Assim Marx, não contente em ser filho de advogado e estudante de filosofia, pensa sua própria situação como a de um "intelectual pequeno burguês", e na perspectiva nova da luta de classes. Assim Valéry transforma em poesia pura um mal-estar e uma solidão com os quais outros nada teriam feito. O pensamento é a vida inter-humana tal como ela se compreende e se interpreta a si mesma. Nessa retomada voluntária, nessa passagem do objetivo ao subjetivo, é impossível dizer onde terminam as forças da história e onde começam as nossas, e a questão não significa rigorosamente nada, já que só existe história para um sujeito que a vive e só existe sujeito situado historicamente (Merleau-Ponty, 1999, p. 630).
>
> (...) Como seria possível, então, a um homem assim corromper a juventude? A não ser que a preocupação com a virtude seja corrupção...
>
> «Mas, por Zeus - insistia o acusador - ele induziu os seus companheiros a desrespeitar as leis estabelecidas ao dizer que era uma loucura escolher os Arcontes da cidade à sorte, enquanto ninguém achava necessário que fossem escolhidos desse modo nem pilotos, nem arquitetos, nem flautistas, nem qualquer outro artífice que se dedicasse a obras do género, em que aquele que falha comete erros mais leves do que aqueles que falham nos assuntos da cidade.» Segundo argumentava o acusador, estas palavras tinham incitado os jovens a desprezar a constituição estabelecida e tornara-os violentos.
>
> Cá por mim, penso que aqueles que exercitam a inteligência e acreditam que são capazes de ensinar aos cidadãos o que lhes é vantajoso, dificilmente se tornam violentos porque sabem que à violência se associam inimizades e perigos, enquanto a persuasão surte o mesmo efeito sem riscos e de modo amigável (...) (Xenofonte, 2014, p. 69).

Retornando à questão da religião em Xenofonte, é verificável ele demonstrar inúmeras vezes o quanto Sócrates era ou ao menos tentava ser justo e fiel a cidade e seus valores, um cidadão exemplar e um modelo até mesmo de religioso ou crente (talvez podemos entender nas entrelinhas um ser mais espiritualizado?!). Já Platão traz para nós um Sócrates mais filosófico e até mesmo bem político e pedagogo, ao menos mais envolvido com os temas, enquanto Xenofonte nos traz um Sócrates mais cidadão, líder e militar – e ambos o foram (Platão, 2008; Xenofonte, 2014).

> Sabiam que Sócrates vivia de forma austera, mas com grande autonomia, que tinha total domínio sobre todas as suas paixões e que lhe era possível argumentar, como quisesse, com qualquer tipo de interlocutor (Xenofonte, 2014, p. 71).
>
> (...) se um deus os tivesse confrontado com viver uma vida inteira como aquela que viam a Sócrates viver ou morrer, ambos teriam escolhido a morte. (...) (Xenofonte, 2014, pp. 71-72).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> (...) Pois eu sei que também Sócrates dava mostras aos seus companheiros de que ele próprio era um homem bem formado e que falava de modo brilhante sobre a virtude e sobre as outras questões relativas ao homem. (...) (Xenofonte, 2014, p. 72).
>
> Ora, com Crítias e Alcibíades foi assim: enquanto acompanharam Sócrates puderam ambos encontrar nele um aliado para vencer desejos menos próprios (...) (Xenofonte, 2014, p. 74).
>
> Se ele próprio tivesse feito algo de errado, pareceria justo que o considerassem mal; mas, se, pelo contrário, vivia a sua vida com sensatez, como é que seria possível atribuir-lhe com justiça a culpa de uma maldade que não existia nele? Bom, e já que ele não fazia nada de mau, se, ao menos, tivesse visto e aprovado o que de errado faziam outros, então seria justo que o censurassem (Xenofonte, 2014, p. 76).

Xenofonte, ao nos trazer um Sócrates mais próximo de e com suas experiências, subjetividades, objetividades e percepções, bem como com tudo o que ocorreu com o notável mestre Sócrates, ele, Xenofonte quanto o próprio Sócrates diante dos seus acusadores, nos demonstram não apenas as injustiças e contradições cometidas contra Sócrates, mas abrem reflexões inquietantes e importantes sobre a judicialização de e em Atenas e ou Grécia ou parte desta, sua democracia (no caso específico apenas a Atenas) e o fanatismo religioso ligados a intolerância, conservadorismo e corrupção. Como isso ocorre? Vejamos.

Sócrates é acusado por três crimes graves da época e contexto social, político, histórico e religioso, e que são: corrupção dos jovens, não acreditar ou desfazer, zombar, denegrir ou desqualificar os deuses tradicionais da cultura e da cidade, e por fim introduzir novos deuses, conforme nos informa Platão,

> (...) Meleto, você afirma que eu corrompo os mais jovens? Sim, claro, conforme está na denúncia que você fez: "Ensinando a não crer nos deuses em que a cidade crê, mas em coisas numinosas diferentes, novas". Não é ao ensinar isso que você está dizendo que os corrompo?
>
> Em nome então desses próprios deuses, Meleto, de que falamos agora, diga ainda mais claramente, para mim e para estes varões (aponta para o júri), pois eu, pessoalmente, não sou capaz de compreender se você está dizendo que ensino a crer na existência de alguns deuses (e então eu próprio creio na existência de deuses e não sou absolutamente ateu nem é por aí que ajo mal) – porém não exatamente naqueles em que a cidade crê, mas em diferentes, e é por isso que você me intima, porque diferentes –, ou se você está

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> afirmando cabalmente que eu próprio não creio em deuses e ensino isso aos demais...
>
> Pois este homem (aponta para Meleto), varões atenienses, me parece ser muito soberbo e insolente, e simplesmente fazer esta denúncia por uma soberba, uma insolência, uma molecagem. Ele se assemelha a quem põe à prova compondo como que um enigma: "Será que Sócrates, o sábio, vai perceber que fico me divertindo e entrando em contradição comigo mesmo, ou vou enganar por completo a ele e aos demais ouvintes?". Pois me parece que este homem entra em contradição consigo mesmo em sua denúncia, como se dissesse: "Sócrates age mal ao não crer em deuses, embora crendo em deuses...". Mas isso é de quem está brincando! (Platão, 2008, pp. 82-83).
>
> Que bom que você respondeu, mesmo que a muito custo, forçado por estes aqui! Ora, você não afirma que não só ensino, mas que também creio em coisas numinosas, quer novas, quer antigas? Portanto, em coisas numinosas pelo menos eu creio, de acordo com seu discurso, e a esse respeito você até jurou no ato de indiciamento... Se creio em coisas numinosas, decerto é muito imperioso que eu creia também em numes; não é assim?
>
> (Silêncio)
>
> Mas é! Vou colocá-lo reconhecendo que sim, já que não responde. E quanto aos numes, não os consideramos, com efeito, deuses ou filhos de deuses? Você diz que sim ou não?
>
> "Com certeza."
>
> Ora, se eu considero os numes (como você mesmo diz) e se os numes são determinados deuses – eis por que digo que você fala por enigma e fica se divertindo, ao afirmar que eu, embora não considere os deuses, volto a considerar por sua vez os deuses, já que os numes pelo menos eu considero... E se os numes, por sua vez, são determinados filhos bastardos dos deuses, nascidos de ninfas ou de outras mães quaisquer (das que também se diz que são), qual dos homens consideraria a existência dos filhos dos deuses, mas dos deuses não? Seria igualmente estranho se se considerasse a existência dos filhos dos cavalos, ou mesmo dos jumentos – os semijumentos –, mas não a dos cavalos e a dos jumentos... (Platão, 2008, p. 84).

Ora, tanto as obras de Platão quanto as **Memoráveis** de Xenofonte nos deixam fatos e evidências que se conectam demonstrando que Sócrates era profundamente religioso, crente e fiel aos deuses, sobretudo a Zeus, Atenas e a Apolo, talvez não fanático como seus acusadores ou ao modo deles, mas só o fato de Sócrates consultar os oráculos e seguir à vontade ou missão dos deuses' já demonstra sua devoção, e por sinal bastante consciente de sua 'espiritualidade' e ou 'religiosidade'. Incluem-se aí também suas atitudes com e de muita ironia e sarcasmos para com os supostamente

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

mais fiéis e devotos, os religiosos mais conservadores e fundamentalistas. Sócrates é o moscão que vem para perturbar e incomodar seus ouvintes e interlocutores. A 'ação dos deuses' foi colocar o moscardo com uma 'missão', educar Atenas para viver virtuosamente.[6]

Além disso Sócrates também é constantemente demonstrado pelos discípulos em falas e atitudes com relações aos deuses, ritos, crenças, tradições e valores ligados a cultura, tradição e a religião de Atenas, e da Grécia em geral ou como um todo. Assim ele os faz tanto para lembrar, rememorar, ressignificar quanto para criticar, atualizar e educar a população que interage com ele. A religiosidade e ou espiritualidade de Sócrates não é cega, fanática, fundamentalista, intolerante e medíocre, mas aberta a reflexões e aprendizados para o cidadão carnal quanto o 'almático', espiritual, místico e religioso. Ora, nos fica perceptível de que Sócrates nas obras platônicas quanto nas **Memoráveis** de Xenofonte é um Sócrates restaurador, ressignificador e mais fiel do que os que o acusam (Platão, 2008; Xenofonte, 2014).

Refletindo nas discussões e afirmações anteriores e até o momento, pode ser observado que Sócrates está comprometido com uma 'missão dada pelos deuses,' uma vocação mística-espiritual-religiosa na arte do filosofar, e do filosofar criticamente, sem dogmatismos, fundamentalismos e conservadorismos, mas pela filosofia como arte e prática libertária e libertadora, transformadora do homem e da sociedade, dada como instrumento de criticidade pelos próprios deuses da sabedoria, no caso da Grécia antiga, tanto a Deusa Atenas quanto Apolo, mais especificamente este, onde o próprio oráculo de Delfos, representante, guiado e inspirado pelo Deus Apolo diz que Sócrates é o homem mais sábio de Atenas, logo o Deus do Sol, da justiça, da musicalidade e melodia, das artes, da ordem, da medicina, da cura, da lei e da luz, símbolos que representam conhecimento, testemunham a favor de Sócrates. Que Sócrates não é irreligioso ou antirreligioso, não introduz novos deuses, mas está sendo enviado e guiado pelos deuses da Grécia e de Atenas, bem como com uma específica missão:

[6] Do início ao fim da Apologia de Platão quanto das Memoráveis de Xenofonte pode ser verificado e refletido as inúmeras vezes em que Sócrates se expressa, afirma, se defende, se justifica e faz considerações com base na sua crença e obediência aos deuses da Cidade. São tantas menções que atestam de alguma forma a crença de Sócrates, que ficaria exaustivo realizar uma contagem nos contextos e expô-las sistematicamente e em certa ordem. A própria vida de Sócrates de 'não estar preso a quase nada,' sobretudo materialmente, financeiramente e economicamente já é um fato de sua integral e inteireza em sinceridade mística-religiosa para cumprir a busca pela e da verdade das coisas e dos fatos da e na cidade, principalmente naquilo que seria crucial para a educação-formação virtuosa do cidadão grego. Bem como do alcance da *Eudaimonia* grega.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

educar e formar os verdadeiros cidadãos virtuosos, diferentemente do que faziam os sofistas. Desse modo, Sócrates não está infringindo as leis da cidade, mas cumprindo-as dedicadamente, e assim afirma Sócrates:

> Pois bem. Devo então me defender, varões atenienses, e tentar arrancar de dentro de vocês a calúnia – essa que vocês cultivaram por muito tempo – assim, em pouco tempo... Gostaria mesmo que as coisas se passassem desse modo, uma vez que é melhor tanto para vocês quanto para mim, e que eu me saísse bem em minha defesa. Mas penso que isso é difícil, e não me escapa inteiramente qual é a dificuldade... No entanto, que a coisa siga por onde for caro ao deus. À lei devo obedecer, e devo me defender (Platão, 2008, p. 68).

Sócrates reconhece a importância das leis na organização e manutenção de uma sociedade e cidade, pois sem elas a sociedade pode cair em barbárie. Entretanto, ele faz suas críticas ao modo como as leis podem ser manipuladas e aplicadas, diante das acusações contra ele, seu julgamento e condenação é um exemplo, logo, sua posição crítica está em toda a sua manifestação discursiva e de dialética em relação ao que é falso do que é verdadeiro, ao que é real do que irreal, do que é falacioso e retórico do que é indemonstrável, do que é justo ou justiça do que é ou será injustiça etc. A isso diz o filósofo:

> O que vocês, varões atenienses, sentiram com os meus acusadores, não sei; mas até eu mesmo, com eles, por pouco não me esqueci de mim, tão convincentemente falavam! Porém, de verdadeiro, a bem dizer, nada disseram. E das muitas mentiras que disseram, fiquei mais espantado com uma – esta: quando falaram que vocês deviam tomar cuidado para não serem enganados por mim, porque eu seria hábil em falar! Não terem vergonha de imediatamente serem refutados por mim com fatos (quando não me mostrar nem de uma maneira nem de outra hábil em falar) – isso me pareceu a coisa mais desavergonhada da parte deles. A não ser que chamem de "hábil em falar" aquele que fala a verdade: pois se é disso que estão falando, então eu reconheceria ser – não à maneira deles – um orador...
> Esses, então, como estava dizendo, quase nada de verdadeiro disseram. Mas vocês de mim vão ouvir toda a verdade – porém não, varões atenienses, por Zeus, discursos "beletrificados", como os deles, nem bem ordenados nas expressões e palavras; vocês vão ouvir sim coisas ditas de improviso, com as palavras que me ocorrerem (pois acredito que são justas as coisas que digo), e que nenhum de vocês espere algo diferente! Certamente nem ficaria bem, varões, nesta minha idade me dirigir a vocês fabricando discursos como um adolescente.
>
> Contudo, com intensidade, peço e solicito isto a vocês, varões atenienses: se vocês me ouvirem me defender com os mesmos discursos que costumo proferir não só na ágora, junto às bancas (onde muitos de vocês têm me ouvido), mas também em outros

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

lugares, não fiquem espantados nem façam tumulto por causa disso. Pois a situação é esta: subo agora, com setenta anos de idade, pela primeira vez ao tribunal; logo, a linguagem daqui me é simplesmente estranha... E da mesma maneira que vocês, caso eu fosse de fato estrangeiro, certamente seriam condescendentes comigo, se eu falasse com aquele sotaque e aqueles modos em que fui criado, também agora peço isso a vocês, conforme me parece justo: que deixem de lado meus modos de linguagem (seriam talvez piores, talvez melhores), e examinem propriamente isto e nisto prestem atenção – se falo coisas justas ou não. Pois enquanto a virtude do jurado é essa, a do orador é falar a verdade.

Em primeiro lugar então, varões atenienses, acho justo me defender das primeiras acusações mentirosas contra mim e dos primeiros acusadores, e em seguida das últimas e dos últimos. Pois acusadores meus junto a vocês tem havido muitos, e já há muitos anos, que nada de verdadeiro dizem, aos quais temo mais que aos que estão em torno de Anito, ainda que estes também sejam hábeis. Mas aqueles, varões, são mais hábeis – os que, se encarregando da educação da maioria de vocês desde meninos, tentavam convencê-los e me acusar de algo ainda mais não verdadeiro: de que há um certo Sócrates, homem sábio, pensador das coisas suspensas no ar, e que tem investigado tudo que há sob a terra, e que torna superior o discurso inferior.

Esses, varões atenienses, os que espalharam essa fama – esses são os meus mais hábeis acusadores, pois os que lhes deram ouvidos consideram que os que investigam essas coisas também não creem em deuses. Depois, esses acusadores são muitos e têm me acusado já faz muito tempo, falando junto a vocês, além do mais, naquela idade em que mais seriam convencidos (alguns de vocês eram meninos ou adolescentes), simplesmente acusando de forma isolada – sem que houvesse defesa (Platão, 2008, pp. 65-67).

Opiniões à parte, varões, não me parece justo apelar ao jurado e, apelando, escapar, mas antes instruir e persuadir. Pois não é para isso que o jurado toma assento – para fazer da justiça favor –, mas para julgar. E ele não jurou favorecer a quem bem lhe parecesse, mas sim fazer valer as leis. Portanto, nem nós devemos acostumá-los – a vocês – a jurar em vão, nem vocês devem se acostumar, pois nenhum de nós estaria sendo religioso...
Sendo assim, não esperem, varões atenienses, que eu me obrigue a fazer tais coisas com vocês, as quais não considero nem belas, nem justas, nem piedosas, principalmente, por Zeus, quando estou me defendendo da acusação de irreligiosidade feita por este Meleto aqui (aponta para o acusador). Porque, evidentemente, se os persuadisse e com meu apelo os forçasse a violar os juramentos, a existência de deuses eu os estaria ensinando a não considerar, e simplesmente estaria, ao me defender, fazendo minha própria acusação – de que não creio em deuses..., mas falta muito para ser assim! Pois eu creio, varões atenienses, como nenhum dos meus acusadores crê; e deixo agora com vocês – e com o deus – me julgarem conforme há de ser melhor, tanto para mim quanto para vocês (Platão, 2008, p. 98).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Diante dos mais de quinhentos cidadãos que compunham um certo tipo de corpo de júri, Sócrates expõe que é perseguido faz muito tempo, por vários motivos e por diversos sujeitos com diferentes tipos de acusações e calúnias, tanto o considerando um ateu por supostamente ser um tipo de filósofo da natureza, como os físicos (pré-socráticos, e que na verdade não eram ateus em verdade e absoluto, pois cada um carregava suas crenças especificas), como também o acusavam de ser um tipo de sofista. Sócrates informará aos jurados que tais acusadores possuem suas maneiras de distorcer a realidade dos fatos e tentar confundir os ouvintes com discursos falaciosos e contraditórios, no qual ele, Sócrates irá demonstrar aos ouvintes durante o desenrolar do processo, mas que faria isso a sua forma natural de falar, ou melhor, de filosofar. Com isso, Sócrates também apontará e nominará algum de seus acusadores e caluniadores, como Meleto, Anito e Líncon (Platão, 2008, 2016; Xenofonte, 2014).

A esses fatos as **Memoráveis** de Xenofonte quanto a **Apologia** de Platão abrem 'uma veia ou artéria' do contexto social da época através da via religiosa e política, a supressão dessas pela via jurídica e judicial, comprometida não com o fazer justiça, mas com a política e o comércio-economia, já corrompida. Fato de porque Sócrates indagar também o que era justo, o que era justiça, coragem, dentre outros termos ligados às práticas sociais e institucionais. Não é de se espantar que o moscão caiu num vespeiro, e essas o devoraram. Xenofonte e Platão nos mostram a interferência jurídica e judicial em aspectos da educação, da religiosidade pessoal, da liberdade e do pensar crítico. Sócrates chega a ser proibido de falar e ou dialogar com as pessoas, sobretudo homens com menos de trinta anos,

> Tendo-lhes chegado este aviso, Crítias e Cáricles de dialogar com os mais novos.
> Sócrates, então, perguntou aos dois se poderia fazer-lhes alguma pergunta, caso não compreendesse algo do que lhe estavam a solicitar.
> Responderam ambos que sim.
> - Pois bem - começou ele - eu estou pronto a obedecer às leis. Mas, para que, por ignorância, não deixe passar algo do que me é exigido, queria que mo explicassem vocês com precisão. Acham que essa arte de discursar é a dos discursos bem-feitos ou estão a ordenar-me que me abstenha daquela que não constrói discursos em condições. Porque, se é a dos bons discursos, é óbvio que eu terei de deixar de falar bem; agora, se é a dos que não são bem-feitos, é óbvio que eu tenho de tentar falar com correção.
> Então, Cáricles, irritado, retorquiu-lhe:
> - Uma vez que não entendes, Sócrates, vou explicar-te de modo bem mais claro o que te estamos a proibir: não podes falar com os mais novos de coisa alguma.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> - Bom, então, para que não me reste nenhuma dúvida [sobre o que posso fazer e o que me está proibido], marquem lá até que idade se acha que os homens ainda são rapazes.
> - Enquanto - respondeu Cáricles - não é tempo de pertencerem ao Conselho, porque ainda não têm sensatez que baste. Ou seja, não converses com ninguém que tenha menos de trinta anos.
> - Ora, e se, por acaso, for fazer alguma compra e o vendedor da loja tiver menos de trinta anos, não lhe posso perguntar quanto leva pela mercadoria?
> - Claro que nesses casos podes! – exclamou Cáricles - Só que tu tens a mania, Sócrates, de andares a perguntar coisas cuja resposta conheces e muito bem. Essas são as perguntas que não deves fazer!
> - Ah! Então não devo responder a nenhum jovem que me pergunte, mesmo que eu saiba a resposta, coisas dogénero «Onde mora Cáricles?» ou «Onde está Crítias?»
> - Claro que nesses casos podes!
> Então Crítias interrompeu: - O que vais ter de evitar, Sócrates, são essas tuas conversas sobre sapateiros, arquitectos, artífices. Até porque me parece que eles já nem te podem escutar, sempre a zurzir-lhes os ouvidos.
> - Ora, sendo assim, tenho de evitar também o que costumo dizer a seguir, sobre *o que é justo*, *o que é pio*, e outras coisas do género, não?
> - Exatamente - respondeu Cáricles - e sobre boieiros, a não ser que queiras ver tu como fazes emagrecer os bois (Xenofonte, 2014, pp. 77-78).

Ora, se há deuses da justiça, se há a busca da justiça e da virtude, um homem que é condenado injustamente demonstra que a justiça falhou ou os deuses são injustos, que a justiça é falha ou inexiste ou inexistiu para tal homem ou em tal momento. E que isso já pode ter ocorrido e/ou vir a ocorrer novamente.

> Mas aquilo que eu dizia anteriormente – que contra mim surgiu muito ódio, e junto a muitos –, fiquem sabendo que é verdade. E é isso que me condenará, se é que vai mesmo me condenar: não Meleto, nem Anito, mas a calúnia e a inveja de muitos! Coisa que a muitos varões, belos e bons, tem condenado e ainda vai (penso eu) condenar; não há perigo algum de que pare em mim... (Platão, 2008, p. 86).

> Mas se vocês tivessem esperado um pouco mais, isso teria acontecido naturalmente... (...) pois vocês estão vendo minha idade, que já vou avançado na vida e estou perto da morte. Não falo isso para todos vocês, mas para os que votaram pela minha morte (Platão, 2008, p. 104).

> E eu, por ser lerdo e mais velho, fui pego agora por ser mais lerdo, enquanto meus acusadores, por serem hábeis e afiados, pela mais ágil: a vileza! E eu partirei agora condenado – por vocês – à pena de morte, enquanto eles, condenados – pela verdade – à mesquinhez e à injustiça (Platão, 2008, p. 105).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

São essas mensagens que também ficam na acusação e sentença contra Sócrates: E se tais homens eram justos e foram injustiçados pela justiça? A própria noção de justiça cai em maus lençóis, e se perde em si mesma. Sócrates deixa o sistema e a estrutura corrompida, comprometida a se autodestruir. De que modo? Em não ter um defensor-advogado, em sua aceitação da condenação e ao não fugir da morte quando poderia. Não é essa a sua intenção ou objetivo, desmoralizar sua cidade, cultura, leis e costumes, mas não há outro meio, se não deixar a justiça se revelar o que ela é e o que ela realmente faz, pode fazer ou deixar de fazer, culminando em mais injustiças.[7] Vale lembrar as indagações socráticas sobre o que é ou seria a justiça.

Portanto, até o momento tanto Xenofonte demonstra nas **Memoráveis** quanto Platão na **Apologia** que a condenação de Sócrates está sendo notoriamente política, por interesse de alguns, "(...) e aí me tornei odiado não só a esse homem, mas também a muitos outros! (...)" (Platão, 2008, p. 74),

> (...) dizem que Sócrates terá comentado com Eutidemo e com muitos outros que estavam presentes que Crítias lhe parecia possuir instintos de suíno, louco de desejo de se esfregar em Eutidemo tal e qual os porcos nas pedras. A partir daí, Crítias passou a odiar Sócrates; de modo que quando, na altura em que era um dos Trinta, se tornou redactor de leis, juntamente com Cáricles, lembrou-se dele e promulgou uma lei que proibia o ensino da arte de discursar, injuriando-o, já que não tinha outro meio de o atacar excepto igualá-lo aos filósofos e granjear-lhe a censura de uns e o desrespeito de outros.
> O que acontece é que na época em que os Trinta condenavam à morte muitos dos homens da cidade, e não os menos importantes, e encorajavam muitos outros a agir de modo injusto, Sócrates observou que lhe pareceria extraordinário que, se um boieiro deixasse enfraquecer e definhar os seus bois, pudesse não concordar que era um mau boieiro. Ora - continuava -, mais extraordinário ainda lhe pareceria que, se um estadista deixasse enfraquecer e definhar os seus concidadãos, não se envergonhasse nem se julgasse um mau estadista (Xenofonte, 2014, pp. 76-77).
>
> Ora, creio eu que ninguém aprende nada com aqueles que não estima. Sócrates não agradava, nem a Crítias nem a Alcibíades, já no tempo em que ambos conviviam com ele; antes, e logo desde o início,

[7] Fato é que quase todos os acusadores de Sócrates foram perseguidos, exilados ou executados pela injustiça causada a Sócrates, bem como a afronta aos deuses em sua morte. E a Sócrates foi levantada uma estátua em sua homenagem, ao moscardo, o homem que ensinou a arte de pensar e de filosofar criticamente (Pinheiro, 2014, pp. 7-10). "Não sabemos se Xenofonte terá ou não atingido o seu propósito, mas, séculos mais tarde, Diógenes Laércio apresentar-nos-á uns Atenienses arrependidos que castigaram aqueles que tinham acusado Sócrates e resolvem honrar o filósofo mandando erigir-lhe uma estátua" (Pinheiro, 2014, p. 55).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

o que os dois ambicionavam era a liderança da cidade (Xenofonte, 2014, p. 79).

Mas aquilo que eu dizia anteriormente – que contra mim surgiu muito ódio, e junto a muitos –, fiquem sabendo que é verdade. E é isso que me condenará, se é que vai mesmo me condenar: não Meleto, nem Anito, mas a calúnia e a inveja de muitos! Coisa que a muitos varões, belos e bons, tem condenado e ainda vai (penso eu) condenar; não há perigo algum de que pare em mim... (Platão, 2008, p. 86).

(...) Ele não quis aceitar a deliberação e atraiu sobre si o ódio do povo e as ameaças de muitos dos poderosos; mas, para ele, tinha mais valor manter a sua palavra do que agradar ao povo numa decisão que contrariava a justiça ou do que evitar aqueles que o ameaçavam (Platão, 2008, p. 66).

Foi precisamente por causa dessa "inspeção", varões atenienses, que surgiram muitos ódios contra mim, e assim tão duros e pesados, que a partir deles então muitas *calúnias* começaram a surgir (...) (Platão, 2008, p. 76).

(...) O que mereço receber ou oferecer como retratação – por não ter me conduzido sossegadamente na vida, e não ter militado em favor daquilo por que a maioria milita (dinheiro e negócios, liderança do exército e liderança do povo, e demais postos e conchavos e agrupamentos que existem na cidade), depois de considerar que eu próprio era, na realidade, honesto demais para sair vivo se fosse ao encontro disso, (...) ?? fui, tencionando persuadir cada um de vocês a não militar nem em favor de nenhuma de suas próprias coisas – antes de militar em favor *de si próprio*, a fim de ser o melhor e o mais sensato possível –, nem em favor das coisas da cidade – antes de em favor *da própria cidade* –, e assim, da mesma maneira, militar em favor das demais coisas (Platão, 2008, pp. 99-100).

Mas não, não há nada disso, nem – se vocês já ouviram de alguém – que eu tenciono educar os homens e que faço dinheiro; isso também não é verdade (...) (Platão, 2008, p. 70).

Ao examinar bem então esse homem (não preciso absolutamente chamá-lo pelo nome; era um dos envolvidos com a política esse junto ao qual tive, examinando-o, esta impressão) e ao dialogar com ele, varões atenienses, me pareceu que parecia ser sábio para muitos outros homens e principalmente para si próprio, *mas que não era*. Em seguida, fiquei tentando lhe mostrar que ele *pensava* ser sábio, mas que não era. A partir daí me tornei um homem a ser odiado por ele, e a muitos dos circunstantes e, indo embora, fiquei então raciocinando comigo mesmo – "Sou sim mais sábio que esse homem; pois corremos o risco de não saber, nenhum dos dois, nada de belo nem de bom, mas enquanto ele *pensa* saber algo, *não sabendo*, eu, assim como *não sei* mesmo, também *não penso* saber... É provável, portanto, que eu seja mais sábio que ele numa pequena coisa, precisamente nesta: porque aquilo que não sei, também não penso saber" (Platão, 2008, p. 73).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Por questões de monopolização do poder público, coerção, legitimação de força, e conflitos de cunho de poder comercial-econômico, bem como por receio por perdas de *status* político, de prestígios, comerciais e financeiros dos acusadores de Sócrates, Platão (2008, p. 76) informa-nos: "Meleto tomando as dores dos poetas, Anito as dos trabalhadores e dos envolvidos com a política, e Lícon as dos oradores (...)." Ou seja, o caso do julgamento e condenação de Sócrates foi um caso político-religioso e religioso-político, com uma justiça-política-religiosa tendenciosa de modo parcial a beneficiar a parte acusatória e condenatória, na questão do filósofo Sócrates, o pensador, pedagogo e filósofo crítico social. O moscardo que importunava os transeuntes da cidade e da *Ágora*. Precisamos urgentemente de novas ou outras leituras, interpretações e representações da antropologia, historiografia, história da filosofia antiga, sociologia e filosofia em geral. E esse é o esforço do trabalho de pesquisa em tela.

Sendo assim, Xenofonte através das **Memoráveis** e Platão através da **Apologia** abrem mais uma 'veia ou artéria' da sociedade, a alienação, inculcação, manipulação das massas e a artificial, superficial, medíocre, tendenciosa e maliciosa fé, crença, religiosidade e valores dos acusadores, influenciadores (talvez também influenciados), pois estes não viam ou desejavam ver que durante a vida e filosofia de Sócrates, ele era mais fiel, cidadão, crente, justo e religioso do que eles que o acusavam.

Xenofonte quanto Platão deixam-nos fatos da vida dos acusadores, e do acusado (Sócrates), e nos quais colocam em contradição todo o processo e argumentos dos acusadores, Xenofonte e Platão, expõe as contaminações do processo e suas finalidades: as vespas querem silenciar a mosca ou moscardo, pois há sujeitos que tinham interesses, ganhos e a lucrar com a morte do filósofo, educador e crítico, ao menos é o que fica perceptível nas exposições de Platão e Xenofonte. A religião e religiosidade atreladas à política e à justiça são o carro chefe, forte e de frente do combate, da perseguição, da militância contra Sócrates e sua postura de '*práxis*' filosófica-pedagógica-ética-moral, culminando com sua acusação, condenação e execução. O moscão geralmente sobrevoa o gado, cavalos, cabras ou carneiros presos ou pastando, irritando-os e incomodando-os de alguma forma. Até que estes o 'espantem!' Seja o gado, os cavalos, ovelhas, pessoas ou até as vespas.

Xenofonte quanto Platão abrem o último dos cortes na estrutura do tecido social. Isso – ao demonstrarem em suas obras que se Sócrates é mais religioso do que os acusadores, e como sinal e fatos, apontam que os acusadores e suas acusações sobre

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

religião não possuíam fundamento, tampouco caráter, moral e ética, pois distorciam fatos e termos para formularem falhas e falsas "quebras religiosas" por parte de Sócrates, quando na verdade eram eles que faziam isso por meio de retóricas falaciosas e com alto nível de sofismas, incorrendo em mais injustiças contra Sócrates, a cidade, as leis e os deuses – acarretando sérias consequências, incluindo à própria noção, concepção e atribuição de religião, política e justiça gregas.

Logo, tanto Xenofonte quanto Platão põem tudo isso em xeque e em crises internas e institucionais. Ou seja, tanto Xenofonte nas **Memoráveis** quanto Platão na **Apologia** expõem as vísceras de um tribunal com um processo que Sócrates parecia já prever o desfecho, sua condenação, pois o processo está contaminado, bem como as religiosidades corrompidas e injustas, onde comprometem a justiça, a ética e a moral, e deturpam tanto a justiça, a política quanto a 'religião' quando as utilizam como instrumentos de ataque pessoal para com a filosofia e a arte de filosofar criticamente, bem como contra a vida de Sócrates. Geralmente a religião também produz medos, e ambas instrumentos de manipulação.

Em ambos os autores, Xenofonte e Platão, o corpo social, político, jurídico e religioso está sendo dilacerado por e em suas contradições, controvérsias, polêmicas e injustiças internas à própria noção, concepção e deliberação de justiça ou o que seria ou deveria ser quanto para com a vida do acusado, Sócrates. Tanto Xenofonte quanto Platão também nos fornecem reflexões e percepções sobre a mentalidade coletiva e sua religiosidade. Que parece constituída de rudes, incautos, ignorantes (Sócrates falou muito sobre a ignorância ateniense), manipulada, medíocre, sem conhecimento "real" e ou verdadeiro das tradições religiosas, seus cultos, ritos, profecias oraculares, leis e muito menos da vida de Sócrates que andou e viveu com muitos deles, filosofando e indagando em sua maiêutica e aporias.

A política e a religião foram unificadas e judicializadas, e assim se tornaram instrumentos e ferramentas para a perseguição, enquadramento, condenação e execução da arte de filosofar, e de filosofar criticamente. Sócrates foi um exemplo a ser dado à sociedade, que mais tarde iria se arrepender de tamanha injustiça, e assim se voltar contra os detratores e condenadores de Sócrates. Talvez tal evento possa ser comparado e refletido com outros semelhantes na e da história. Já que tais análises e reflexões são de certo contexto e conjuntura política, social, econômica, religiosa e histórica de determinada época, sujeitos e em seus processos histórico-culturais.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Talvez casos parecidos com o de Sócrates já tenham ocorrido na história, nas sociedades e suas culturas, talvez ocorram em sua contemporaneidade, ou quem sabe séculos após sua morte, talvez na era medieval, moderna ou na atualidade. Mas quem pode dizer? Talvez sejam espelhos e reflexos de imagens de ontem e de hoje, de hoje no e do ontem.

Desse modo, Xenofonte e Platão nos demonstram um processo "viciado", politizado a um lado, tendencioso, artificial, contaminado, parcial e repleto de retóricas falaciosas para o acusar, o incriminar e o condenar como réu. O objetivo era condenar Sócrates por dois modos ou vias: (1º) Ou fazê-lo negar tudo o que fazia e cair em alguma contradição, sendo humilhado e talvez execrado da sociedade, logo talvez morto ou assassinado de alguma forma ou (2º) simplesmente levá-lo passo a passo até a condenação, pois seus acusadores bem conheciam a Sócrates, seus valores, pensamentos, ideais, histórico familiar, militar, político e dentre outros.

A intenção dos acusadores era se utilizarem da legalidade da lei, do imaginário e mentalidade religiosa do povo e ou sociedade, e da justiça como ferrão manipulável para cometer ilegalidades, crimes e injustiças contra Sócrates (ou talvez outros), o que Xenofonte nas **Memoráveis** e Platão na **Apologia** nos expõem de diversas formas e modos. Abrindo artérias ou veias sociais profundas, expondo também as vísceras de sua sociedade, cultura, leis e justiça. Ficam bastante visíveis e claras as práticas de etnocentrismos e intolerâncias em relação a pessoa, discursos e comportamentos do filósofo, Sócrates.

Considerações

Portanto, tanto Xenofonte quanto Platão indiretamente ou diretamente nos fornecem elementos e traços da religiosidade de Sócrates e de seus acusadores e condenadores, bem como o posicionamento e comportamento dentro da *pólis* grega, sendo o filósofo e mestre Sócrates 'como um modelo de cidadão moderado, ideal, justo, honrado, virtuoso, bom soldado, leal, fiel e verdadeiro ateniense'. Entretanto, sendo difamado, caluniado, perseguido, acusado, julgado, sentenciado e morto.

Enquanto os seus acusadores e condenadores adentravam em meio a discursos retóricos, falaciosos e contraditórios, demonstrando seu caráter, comportamentos e objetivos, silenciar 'o moscão', e em tal obsessão são levados pela cegueira do ódio e ignorância de um fundamentalismo religioso-político ou vice-versa, caindo assim também em limbos de e em fanatismos, intolerâncias, mediocridades,

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

fundamentalismos, contradições, controvérsias e interesses pessoais expostos em seus discursos. Silenciar Sócrates é o maior objetivo e grande alvo a ser alcançado, pois talvez resulte em algum benefício para os seus acusadores e condenadores. Calar Sócrates parece que deveria ter algum retorno, lucro ou ganho aos referidos acusadores, e talvez para os que votaram a favor da condenação, a princípio, dos 500, 280 foram a favor da condenação (Platão, 2008; Xenofonte, 2014).

Enfim, Xenofonte e Platão desmascaram não apenas o processo e sua injustiça, mas sua corrupção e seu modo fraudulento, sobretudo a ignorância e fanatismo de um povo com certos fundamentalismos que os cegam de ver que condenando a Sócrates, na verdade toda a sociedade, sua estrutura, instituições e supostas fidelidades como religiosos aos deuses e a justiça é que seriam condenados e ruiriam. A acusação, processo, condenação e morte injustas de Sócrates abriria feridas na sociedade e seu pensar. Tanto se fez que reflexões após sua morte fizeram com que alguns envolvidos no processo e morte de Sócrates fossem tão logo também perseguidos.

Mas como não temos provas concretas e detalhadas sobre, apenas apreendemos e refletimos sobre algumas percepções, afirmações, registros e reflexões sobre a obra **Memoráveis** de Xenofonte, onde até aqui, como na **Apologia** de Platão, vemos discípulos e/ou seguidores que tiveram experiência com um cidadão amado por eles, um filósofo, educador, líder, pedagogo etc., que preferiu morrer do que ver sua amada cidade ruir ou cair numa guerra civil por sua fala, demonstrando as contradições que poderiam diluir a cidade. Sua morte bastava para demonstrar seu amor, fé, religiosidade, consciência, tolerância, justiça e respeito, tanto para com os pares quanto para com os ignorantes, fanáticos e fundamentalistas manipuladores e manipulados. No fim talvez tudo seja um mero jogo político e de poder. Será?

Sócrates nas **Memoráveis** e na **Apologia** é o detonador das discrepâncias, dos manipuladores, dos charlatões da religiosidade, dos supostos justos, o detonador da ignorância e da cegueira de um povo, seus magistrados e de sua justiça partidária, corrupta, medíocre e alienadora. Sócrates vivo ensinava pela própria *práxis* o modelo de cidadão, e muitos o viam como tal (inclusive os filhos de alguns acusadores), e Sócrates morto se torna o modelo mais fiel, fiel que morre para o real bem comum, e ainda se torna imortal na memória.

Conclusão, Sócrates é também demonstrado nas **Memoráveis** de Xenofonte e **Apologia** platônica como o verdadeiro religioso, que é movido pelo amor, o *Eros*, pela *virtude*, pela sabedoria, a *sophía*, pela justiça, pela coragem, pela educação, pela

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

consciência, pela tolerância e com sua vida como uma *práxis* e processos dialéticos constantes. Isso diferente do sem amor ou empatia, no caso, aqui, os ignorantes, injustos, "cegos", covardes, medíocres, alienados, intolerantes e com uma vida, discurso e práticas religiosas totalmente contraditórias, controversas e repletas de antagonismos. Sim, as Memoráveis e a Apologia nos deixam tais fatos perceptíveis, talvez movam ou abalem nossas consciências e inconscientes.

Pelas **Memoráveis** de Xenofonte e pela **Apologia** platônica, como em outras obras de outros autores, podemos formular o seguinte: Sócrates é acusado diretamente de ou por três crimes: A) não crer e ou desonrar os deuses; B) introduzir novos deuses e C) corromper os jovens. Esses crimes parecem que vão se desdobrando em outros nos discursos retóricos e falaciosos, tais como Sócrates é ou seria injusto, infiel, corrupto, corruptor, mentiroso, irresponsável, não confiável, ateu etc.,[8] mas através dos relatos de Xenofonte e Platão podemos revertê-los para ou contra os próprios acusadores. Vejamos como Aristófanes escreve e descreve sobre Sócrates, e a seguir como Sócrates se via diante da missão do Deus:

> (...) STREPSIADES
> *Fazendo um gesto com a mão na direção da casa de SÓCRATES.*
> Olhe para este lado; você está vendo aquela casinha e aquela portinha?
>
> FIDIPIDES
> Estou vendo. Que é que você quer dizer com isto, meu pai?
>
> STREPSIADES
> Ali é o "Pensatório", a escola dos espíritos sabidos. Lá dentro vivem pessoas que, falando a respeito do céu, nos convencem de que ele é um forno que cobre a gente e de que a gente é o carvão dele. Aqueles caras ensinam os outros, se eles quiserem contribuir com algum dinheiro, a tornarem vitoriosas todas as causas, justas ou injustas, usando só as palavras.
>
> FIDIPIDES
> E quem são esses caras?
>
> STREPSIADES
> Não sei muito bem o nome deles; eles são pensadores-meditabundos e muito sérios.

[8] Aristófanes (séc. V a.C. e contemporâneo de Sócrates) em sua obra ou produção teatral As Nuvens faz duras e pesadas críticas como estas à pessoa de Sócrates (e elas vão muito além, até a aspectos econômicos de Sócrates). Mas indiretamente Aristófanes também nos fornece elementos, conteúdos e ferramentas para demonstrar algumas possibilidades das possíveis críticas e questionamentos socráticos sobre o andamento da organização e configuração da cidade, sobretudo no que diz respeito à educação, à política e à arte de filosofar.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

FIDIPIDES
Agora eu sei quem são eles! Você está falando daqueles vigaristas, descalços e brancosos, daquela turma onde estão o maldito Sócrates e o Cairefon maldito.

(...) DISCÍPULO
Que significaria isso se você soubesse de outra idéia de Sócrates?

STREPSIADES
Qual? Me diga, por favor!

DISCÍPULO
Cairefon de Sfetos perguntou se na opinião dele os mosquitos zumbem pela tromba ou pelo traseiro.

STREPSIADES
Qual foi a resposta de Sócrates quanto aos mosquitos?

DISCÍPULO
Ele disse que os intestinos dos mosquitos são muito finos; o cólon, sendo estreito, obriga o ar a passar com força diretamente até o traseiro; depois, saindo através do reto apertado, faz o ânus ressoar por causa da violência do sopro.

STREPSIADES
Então o traseiro dos mosquitos é uma trombeta! O autor desta descoberta é triplamente feliz! Com certeza, quem conhece bem o intestino pode escapar facilmente de uma condenação se for acusado...

(...) *Dirigindo-se a SÓCRATES*.

E você, pontífice dos palavrórios mais sutis, diga-nos o que deseja. Não prestaríamos atenção a nenhum outro dos sofistas de hoje, que vivem com a cabeça na estratosfera, excetuando apenas Pródico, por sua sabedoria e erudição, e a você, por seu andar soberbo nas ruas, por seu modo de olhar para os lados, pelos sofrimentos que suporta andando descalço, por sua confiança em nós, por sua pose imponente.

(...) SÓCRATES
Que Zeus? Não zombe de mim! Zeus não existe.
(Aristòfanes, 2016, pp. 9-10, 13-14, 27-28).

1. "Muitos" ouvem que Sócrates fora designado pelos deuses a cumprir "certa missão."[9]

[9] É evidente na Apologia que é Sócrates 'quem afirma' de que ouviu de Querefonte, que é um 'tipo de sábio,' e assim Sócrates se coloca como a um 'instrumento dos deuses, que foi inspirado com um certo *Daímon*, no qual o conduz, instruí e o guia pela sua vida filosófica e prática, tais fatos podem ser verificados para corroborar e complementar as citações em tela, para tanto ver Platão, 2008, pp. 72-78 e nas Memoráveis de Xenofonte, 2014, pp. 239-253, podemos verificar a entrega de Sócrates como um tipo de sacrifício aos Deuses. Estas páginas das obras mencionadas apresentam tanto a afirmativa do Oráculo de Delfos sobre Sócrates e

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> "Que por acaso sou eu esse tipo de homem – que à cidade pelo deus foi dado (Platão, 2008, p. 91)."
>
> "Sócrates não; dizia apenas o que de facto sabia, dizia que a divindade lhe dava sinais. E aconselhava muitos daqueles que o acompanhavam sobre o que deviam fazer ou não, porque assim lhe indicava essa divindade (Xenofonte, 2014, p. 60)."
>
> "(...) com *o deus* a me posicionar, conforme pensei e supus – que devo viver filosofando e inspecionando a mim mesmo e aos outros (...) (Platão, 2008, p. 87)."
>
> "Dizia, sim, que era necessário aprender as coisas que os deuses tinham determinado que deviam ser aprendidas, e procurar, através da adivinhação, indagar os deuses sobre assuntos que não são claros aos homens. Então, os deuses dariam o seu sinal àqueles que estivessem na sua graça (...) (Xenofonte, 2014, p. 62)."
>
> "(...) fiquem sabendo – que o deus me ordena, e eu mesmo penso que ainda não surgiu para vocês nenhum bem maior na cidade do que meu serviço ao deus! (...) (Platão, 2008, p. 89)."
>
> "(...) De resto, era lugar comum que Sócrates se dizia inspirado por uma divindade (...) (Xenofonte, p. 59)."
>
> "E sempre que me parece que não, prestando um auxílio ao deus, mostro-lhe que não é sábio. Com essa falta de tempo, não tive tempo de realizar nem uma atividade da cidade digna de menção, nem familiar, e estou, por causa da servidão ao deus, numa penúria extrema... (Platão, 2008, p. 76)."

2. Logo, Sócrates está fazendo o que o oráculo e deuses lhes designaram. Cumprir a missão dos deuses. Os deuses da cidade e do povo. Sócrates não se considera sábio e nem capaz para cumprir sua missão, pois se considera ignorante e que busca a sabedoria. O oráculo e testemunhas como Querefonte (séc. V a.C. e contemporâneo de Sócrates) confirmaram isso.

3. Sócrates está não apenas respeitando os deuses como obedecendo-os. Desse modo Sócrates não apenas acredita nos deuses de sua cultura e cidade como os respeita, honra, obedece e os cultua com a própria vida e práticas. [10] Não nos admira que

sua jornada em busca do saber-conhecer, o filosofar criticamente, como sua vida 'devotada a tal causa (Platão, 2008, Xenofonte, 2014).

[10] "(...) Ficará claro, porém, que eu, ao longo de toda a minha vida, em público (se algo realizei) fui *assim*, e em particular do mesmo jeito: nunca concordando com ninguém a respeito de nada que fosse contra o justo, nem mesmo com nenhum desses que meus caluniadores dizem ter sido meus alunos (Platão, 2008, p. 94), para seguir a linha de raciocínio do parágrafo em discussão, ibidem, pp. 68, 76, 89. "(...) era evidente que honrava mais os deuses do que qualquer

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Sócrates vai fazer algumas críticas dos deuses que tais indivíduos professavam e manipulavam a bel prazer e ou interesses pessoais. E não contra os deuses em si. E como isso ocorre? Quando Sócrates coloca Meleto em uma forma de aporia. Fato observável quando Meleto cai em contradição tanto consigo mesmo quanto em relação ao que são os deuses, quem são, como crer neles e em quem crer, ficando num ciclo 'vicioso' contraditório e falacioso, pois não respondendo com exatidão as questões propostas por Sócrates diante das acusações e denúncias, Meleto está infringindo as leis da cidade por acusar injustamente a um cidadão e sem provas, talvez com argumentos infundados conforme Sócrates demonstra, isso tanto quanto à questão de que Sócrates era irreligioso e religioso ao mesmo tempo, quanto à questão de corromper a juventude, nas duas situações Meleto cai em aporias e também se contradiz, Meleto faz isso alí diante do júri. E Sócrates logo faz seus comentários, já que Meleto não apenas se contradiz, como cai em certa aporias, vejamos a sequência do diálogo a começar pela acusação de corrupção da juventude e suas contradições, e a seguir a questão dos deuses:

> A respeito então das coisas de que me acusavam meus primeiros acusadores, essa defesa perante vocês é suficiente. Depois disso, perante Meleto – esse homem "bom e patriota", conforme diz ser – e perante os últimos tentarei me defender. Mais uma vez (como se fossem diferentes esses acusadores...), tomemos a declaração juramentada deles; é mais ou menos isto: "Sócrates age mal", diz, "ao corromper os jovens e ao não crer nos deuses em que a cidade crê, mas em coisas numinosas diferentes, novas". É uma queixa assim. Mas inspecionemos cada ponto dessa queixa. Diz que ao corromper os jovens ajo mal. Mas eu, pessoalmente, varões atenienses, digo que *Meleto* age mal, porque fica se divertindo com o que é sério, ao conduzir homens a júri de modo leviano, ao fingir levar a sério e se afligir por questões pelas quais ele absolutamente jamais *militou*! Que isso é assim, tentarei demonstrar também a vocês.
>
> Me diga aqui, Meleto: você faz outra coisa senão ter na mais alta conta que os mais jovens sejam os melhores possíveis?
> "É o que faço."
> Ande então, diga a estes *(aponta para o júri)*: quem os faz melhores? Pois é claro que você sabe, militante que é! Depois de descobrir quem (como você diz) os *corrompe*, você me convoca à presença destes aqui e me acusa. Mas quem os *faz melhores*, ande, lhes diga e revele: quem é?

outro homem. Quanto ao facto de corromper os jovens, do que o acusava também o acusador, era evidente que se os seus companheiros mostravam aspirações reprováveis, ele corrigia os, impelindo-os a desejar a mais bela e mais nobre das virtudes que os levasse a bem gerir a cidade e o seu próprio património (Xenofonte, 2014, p. 89)." Ibid., pp. 59-60, 90-91, 95).

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

(Silêncio)

Você está vendo, Meleto, como você se cala e não tem o que dizer? Na realidade, não lhe parece algo vergonhoso e prova suficiente do que eu dizia – que por isso você não tem absolutamente militado? Vamos, fale, bom homem: quem os faz melhores?
"As leis."
Mas não é isso que eu estou perguntando, ótimo homem, mas qual a *pessoa*, primeiro, que sabe exatamente isto – as leis.

"Eles, Sócrates, os jurados." *(Aponta para o júri)*
O que você está dizendo, Meleto? Que estes aqui têm condições de educar os jovens e fazê-los melhores?
"Com certeza."
Todos têm, ou alguns deles sim e outros não?
" *Todos*."
Por Hera, você fala bem – e de uma grande abundância de beneficiadores! Mas e estes aqui, os ouvintes *(aponta para a plateia)*, os fazem melhores ou não?
"Eles também."
E os conselheiros?
"Os conselheiros também."

Mas então, Meleto, não me diga que os que vão à assembleia corrompem os jovens? Ou eles *todos* também os fazem melhores?
"Eles também."
Pelo jeito então *todos* os atenienses os fazem belos e bons, *menos eu*: só eu os corrompo. É isso que você está dizendo?

"Com certeza, é isso mesmo que estou dizendo."
Imenso é o infortúnio que você me imputou! Me responda ainda: também com os cavalos lhe parece ser realmente assim – são *todos os homens* que os fazem melhores, enquanto é *um só* que os corrompe? Ou é inteiramente o contrário disso, tendoum só condições de os fazer melhores, ou muito poucos – os cavalariços –, enquanto a maioria, se com cavalos convive e deles se serve, os corrompe? Não é assim, Meleto, seja com os cavalos, seja com todos os outros animais? Decerto que é, totalmente, quer você e Anito digam que sim, quer digam que não! Pois imensa seria para os jovens a bem-aventurança, se um só os corrompesse, enquanto os demais os beneficiassem..., mas você, Meleto, demonstra suficientemente que jamais deu atenção aos jovens e exibe claramente sua não militância – porque você não tem absolutamente militado pelas coisas em nome das quais me convoca.
(...), mas isso, a esta altura, está claro, varões atenienses (conforme eu dizia): que Meleto por essas coisas jamais *militou*, nem muito, nem pouco. Ainda assim, fale para nós: de que maneira, Meleto, você afirma que eu corrompo os mais jovens? Sim, claro, conforme está na denúncia que você fez: "Ensinando a não crer nos deuses em que a cidade crê, mas em coisas numinosas diferentes, novas". Não é ao ensinar isso que você está dizendo que os corrompo?
"Mas com certeza, é isso mesmo que estou dizendo."
Em nome então desses próprios deuses, Meleto, de que falamos agora, diga ainda mais claramente, para mim e para estes varões *(aponta para o júri)*, pois eu, pessoalmente, não sou capaz de compreender se você está dizendo que ensino a crer na existência de

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

alguns deuses (e então eu próprio creio na existência de deuses e não sou absolutamente ateu nem é por aí que ajo mal) – porém não exatamente naqueles em que a cidade crê, mas em *diferentes*, e é por isso que você me intima, porque *diferentes* –, ou se você está afirmando cabalmente que eu próprio não creio em deuses e ensino isso aos demais...
"É isso que estou dizendo, que você não crê absolutamente em deuses."
Admirável Meleto, com que finalidade você diz isso? Eu não creio então nem que Sol nem que Lua são deuses, como os demais homens?
"Não, por Zeus, varões jurados, uma vez que afirma que o Sol é pedra e que a Lua é terra!"
Você pensa que está acusando *Anaxágoras*, caro Meleto, e despreza assim estes aqui *(aponta para o júri)*, pensando que são tão sem-recursos nas letras a ponto de não saberem que os livros de Anaxágoras de Clazômena é que estão cheios desses discursos? Além do mais, é comigo que os jovens aprendem essas coisas – eles que podem, comprando-as de vez em quando não por muito (por uma dracma!) na orquestra, rir de Sócrates caso venha a fingir que são suas, sobretudo sendo elas tão estranhas? Mas então, em nome de Zeus, é isso mesmo que lhe parece, que não creio na existência de deus algum?
"Que não, por Zeus, nem de uma maneira nem de outra!"
Você é inacreditável, Meleto! E assim como parece ser para mim, deve parecer para você mesmo...
Pois este homem *(aponta para Meleto)*, varões atenienses, me parece ser muito soberbo e insolente, e simplesmente fazer esta denúncia por uma soberba, uma insolência, uma molecagem. Ele se assemelha a quem põe à prova compondo como que um enigma: "Será que Sócrates, o sábio, vai perceber que fico me divertindo e entrando em contradição comigo mesmo, ou vou enganar por completo a ele e aos demais ouvintes?". Pois me parece que este homem entra em contradição consigo mesmo em sua denúncia, como se dissesse: "Sócrates age mal ao não crer em deuses, embora crendo em deuses...". Mas isso é de quem está brincando!

(...) Há dentre os homens, Meleto, quem creia na existência de assuntos humanos, mas na de homens não creia?
(*Meleto protesta em voz baixa*)
Que ele responda, varões, e não promova um tumulto atrás do outro! Há quem não creia na de cavalos, mas na de assuntos de cavalo sim? Ou não creia na existência de flautistas, mas na de assuntos de flauta sim?

(*Silêncio*)

Não há, melhor dos homens! Se você não quer responder, falo para você e para estes outros (*aponta para o júri*). Mas responda pelo menos ao que decorre disto: há quem creia na existência de *assuntos numinosos*, mas na de *numes* não creia?
"Não há."
Que bom que você respondeu, mesmo que a muito custo, forçado por estes aqui! Ora, você não afirma que não só ensino, mas que também creio em *coisas numinosas*, quer novas, quer antigas? Portanto, *em coisas numinosas* pelo menos eu creio, de acordo com seu discurso, e

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> a esse respeito você até jurou no ato de indiciamento... Se creio em *coisas numinosas*, decerto é muito imperioso que eu creia também em *numes*; não é assim?
>
> (*Silêncio)*
>
> Mas é! Vou colocá-lo reconhecendo que sim, já que não responde. E quanto aos numes, não os consideramos, com efeito, *deuses* ou filhos de *deuses*? Você diz que sim ou não?
> "Com certeza."
> Ora, se eu considero os numes (como você mesmo diz) e se os numes são determinados deuses – eis por que digo que você fala por enigma e fica se divertindo, ao afirmar que eu, embora *não* considere os deuses, volto a considerar por sua vez os deuses, já que os *numes* pelo menos eu considero... E se os numes, por sua vez, são determinados filhos bastardos dos deuses, nascidos de ninfas ou de outras mães quaisquer (das que também se diz que são), qual dos homens consideraria a existência *dos filhos* dos deuses, mas *dos deuses* não? Seria igualmente estranho se se considerasse a existência dos filhos dos cavalos, ou mesmo dos jumentos – os semijumentos –, mas não a dos cavalos e a dos jumentos...
> O fato, Meleto, é que não há como não ser para nos pôr à prova que você fez esta denúncia, ou então porque você estava em aporia quanto à verdadeira má ação pela qual me intimaria... Mas para que você possa convencer algum dos homens, mesmo que tenha pouco bom-senso, de que a pessoa que considera coisas numinosas *não é* a mesma que considera coisas divinas, e que por sua vez *é* a mesma que *não* considera nem numes, nem deuses, nem heróis – meio algum existe! (Platão, 2008, pp. 78-85).
>
> Sendo assim, não esperem, varões atenienses, que eu me obrigue a fazer tais coisas com vocês, as quais não considero nem belas, nem justas, nem piedosas, principalmente, por Zeus, quando estou me defendendo da acusação de irreligiosidade feita por este Meleto aqui *(aponta para o acusador)*. Porque, evidentemente, se os persuadisse e com meu apelo os forçasse a violar os juramentos, a existência de deuses eu os estaria ensinando a *não considerar*, e simplesmente estaria, ao me defender, fazendo minha própria acusação – de que não creio em deuses... Mas falta muito para ser assim! Pois eu creio, varões atenienses, como nenhum dos meus acusadores crê; e deixo agora com vocês – e com o deus – me julgarem conforme há de ser melhor, tanto para mim quanto para vocês (Platão, 2008, p. 98).

Ou seja, o que parece ficar demonstrável por Sócrates é que Meleto com seus cumplices no qual se colocavam como homens justos e defensores da justiça, não verdade são injustos e corruptos, também se colocavam em favor e defensores da verdade, mas são mentirosos, caluniadores e deturpadores de fatos e palavras, também se colocavam como crentes nos deuses da cidade e defensores da crença nos mesmos, mas na verdade o que demonstram é serem de alguma forma fundamentalistas, dogmáticos, talvez antirreligiosos ou irreligiosos. É na perspectiva da análise do

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

discurso e da retórica nos e dos diálogos, que nos dão a entender de que Sócrates faz tal virada acusatória, fazendo indiretamente críticas dos deuses (dinheiro) e de tais indivíduos que o professavam e o manipulavam a bel prazer ou interesses pessoais.

4. Sócrates é acusado de introduzir novos deuses. Mas na verdade ele está os interpretando, reinterpretando-os e 'compartilhando suas instruções', bem como 'suas mensagens e ensinamentos' pelo filosofar, e não apenas pelo processo mítico, levando às crenças cegas, mas sim pela razão refletindo os mitos, os deuses e seus ensinamentos para a vida, a alma, o bom cidadão e virtuoso, para a moral, para as relações sociais mais justas e ética. E não meramente reproduzindo rituais, falas, ditos populares, crenças e assim por diante. Vejamos:

> (...) se, tendo antes ficado, como qualquer outro, no lugar onde me posicionavam, quando os comandantes (que vocês mesmos escolheram para me comandar) a mim me posicionavam (tanto em Potideia quanto em Anfípolis e no Délio), e tendo corrido o risco de morrer, agora, ao contrário, com *o deus* a me posicionar, conforme pensei e supus – que devo viver filosofando e inspecionando a mim mesmo e aos outros –, eu abandonasse meu posto, temendo a morte ou qualquer outro acontecimento? (Platão, 2008, p. 87).
>
> Sendo assim, nem se agora vocês me liberarem, não dando crédito a Anito, que afirmava que, de início, não era preciso me trazer até aqui, ou que, uma vez trazido, não era possível *não me matar* (pois ele dizia a vocês que, se eu escapasse, os seus filhos, podendo já se ocupar com aquilo que Sócrates ensina, se corromperiam todos, totalmente); e se vocês, diante disso, me dissessem: "Sócrates, agora não obedeceremos a Anito e o liberamos, mas com esta condição, de você não filosofar mais nem passar seu tempo se dedicando a essa investigação. Se você for pego a fazer ainda isso, morrerá"; se vocês portanto me liberassem, como eu disse, nessas condições, eu lhes diria: "Varões atenienses, eu os saúdo e amo, mas obedecerei antes ao deus que a vocês e, enquanto respirar e tiver condições, receio não parar de filosofar e a vocês advertir e mostrar (a qualquer um de vocês que eu sempre encontrar), falando daquele jeito a que estou habituado – 'melhor dos homens, você, sendo um ateniense, da maior e mais reputada cidade em sabedoria e força, não sente vergonha de militar em favor do dinheiro (a fim de possuir o máximo possível), e da fama e da honra, mas em favor da reflexão, da verdade e da alma (a fim de ser a melhor possível) *não* militar nem se preocupar?' E se algum de vocês quiser discutir e disser que milita, não o liberarei de imediato nem me afastarei, mas vou interrogá-lo, e inspecioná-lo, e refutá-lo. E se me parecer não ter adquirido a virtude – mas dizer que sim –, vou reprová-lo por considerar de menos o digno do máximo, e o mais banal, demais. Farei isso com o mais jovem e com o mais velho (com qualquer um que eu encontrar), com o estrangeiro e com o concidadão – mais com os concidadãos, pelo tanto que, por raça, vocês me são mais próximos. Pois é isso – fiquem sabendo – que o

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

> deus me ordena, e eu mesmo penso que ainda não surgiu para vocês nenhum bem maior na cidade do que meu serviço ao deus! Nenhuma outra coisa faço enquanto círculo a não ser persuadir, tanto os mais jovens quanto os mais velhos dentre vocês, a não militar em favor nem do corpo nem do dinheiro – não antes (nem com a mesma intensidade) que em favor da *alma*, a fim de ser a melhor possível –, e vou dizendo que não surge do dinheiro a virtude, mas da virtude o dinheiro, e todos os demais bens humanos, públicos e privados. Se ao dizer então tais coisas corrompo os jovens, tais coisas teriam que ser danosas..., mas, se alguém afirma que digo coisas diferentes dessas, não diz nada! Diante disso, atenienses", eu diria, "quer vocês obedeçam a Anito quer não, quer me liberem, quer não me liberem, não poderei agir de outro modo nem mesmo se estiver prestes a morrer incontáveis vezes!"
> (*Tribunal reage às declarações de Sócrates*) (Platão, 2008, pp. 88-90).

Sócrates justifica sua missão, filosofia, filosofar e os conecta aos deuses e à prática religiosa, isso a procedimentos racionais, intelectuais e desaguando num modo de crer e fazer conscientes envolvendo o bem comum e o desenvolvimento harmônico da cidade. A exemplo do "Conhece-te a ti mesmo como uma mensagem para se propagar, e o Deus Apolo será sua testemunha." Portanto, quem detém a Sócrates, detém os deuses (a exemplo de ir contra o Deus Apolo) supostamente da cidade. Daí quem está com a verdade? Sujeitos corruptos e envolvidos em práticas injustas e um processo injusto e corrompido para alcançar fins e objetivos pessoais ou um sujeito que vive quase toda vida em benefício do seu povo, cultura, cidade, tradições e formação intelectual da juventude? Esse tópico já se conecta ao próximo e a acusação contra Sócrates de corromper a juventude.

5. Sócrates preza pelo desenvolvimento intelectual dos jovens de sua amada cidade. Há jovens que o seguem de diversos tipos e por diversos motivos, origens, caráter, personalidades, famílias etc. (inclusive seguidores filhos de seus acusadores). Todos esses estão seguindo suas ideias, pensamentos, filosofia e modo de ver e viver a vida e as relações sociais com e entre humanos e deuses. Esses jovens não estão seguindo a Sócrates apenas, mas a um suposto enviado dos deuses e oráculos da cidade, com isso, eles estão a seguir 'aos deuses e sua mensagem' pelas inferências, indagações, questões e diálogos socráticos via método irônico e maiêutico. Portanto, Sócrates não os está corrompendo, mas os refinando e os desenvolvendo pelo processo de racionalização que ele provou e nele foi colocado a fazer pelos deuses, uma vez que mesmo sendo através do Oráculo do Deus Apolo que chega à mensagem para e da "jornada socrática," no entanto, Sócrates fazia sacrifícios aos deuses que acreditava, ou

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

seja, vários (Platão, 2008, pp. 73-87; Xenofonte, 2014, pp. 59-60, 89-91). "Seria decerto terrível, e na verdade muito justamente então eu seria convocado até o tribunal, porque na existência de deuses não creio ao desobedecer à adivinhação, ao temer a morte e ao pensar que sou sábio, quando não sou (Platão, 2008, pp. 87-88)."

Sendo assim, quem impede esse processo socrático de desenvolvimento dos jovens, os aliena e os retira daquelas tais possibilidades (educar e refinar) da educação virtuosa segundo o Deus que 'movia e inspirava' Sócrates, que era a educação com fins a uma sociedade no e para o desenvolvimento da sabedoria, bem como da vida *eudaimônica*.

> A sua conduta, de resto, mostrava que ele exercera esse treino consigo próprio de modo a mais facilmente resistir aos mais privilegiados desses rapazes com um palminho de cara e na flor da idade, do que outros resistiriam ao que se encontrasse na mais desfavorecida das situações, por ser feio e ter perdido a frescura dos anos.
> Com este comportamento que adoptava face à comida, à bebida e ao sexo, pensava ele que o prazer que obtinha não era em nada inferior ao daqueles que abusavam dessas situações; além de que assim tinha muito menos preocupações.
>
> Depois, aqueles que acreditam - a partir do que alguns escrevem ou afirmam por simples conjectura - que Sócrates era extremamente competente a influenciar os outros na procura do caminho para a virtude mas incapaz de os guiar até ela, esses, que observem não só o que ele castigava com interrogatórios sistemáticos aqueles que julgavam saber tudo e que vejam também o que ele dizia àqueles com quem convivia diariamente, para julgar depois se ele tinha ou não capacidade de tornar melhores os seus companheiros (Xenofonte, 2014, p. 95).

Portanto, Xenofonte como Platão fornecem elementos para deduzirmos, especularmos, criarmos hipóteses e ou perceber objetivos outros por detrás das constantes acusações e contradições dos acusadores-perseguidores de Sócrates, bem como fatos que distinguiam entre os objetivos das propostas de educar pelo filosofar criticamente socrático e pelas posturas fundamentalistas, conservadores e falaciosas nas e das acusações dos oponentes ou perseguidores de Sócrates. E que no fim são os acusadores e apoiadores que cometem todos os crimes que apontam e imprimem no e ao acusado, Sócrates. Prossigamos com e na reflexão a seguir e vejamos as sutilezas dos acusadores "(...), Mas Sócrates, sua atividade qual é? De onde surgiram essas calúnias contra você? Certamente não foi depois de você ter uma atividade em nada

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

mais extravagante que as dos outros que surgiu tamanha fama e falação; só se você de fato fazia algo *diverso* do que a maioria faz... (...) (Platão, 2008, p. 71)."

O cenário e arena em que Sócrates é lançado, na verdade seria um grande emaranhado de embates políticos e religiosos, no qual se encontram Sócrates o modelo de cidadão e religioso *versus* os fanáticos e fundamentalistas, vejamos o cenário que Sócrates se encontra sobre a situação de sua suposta irreligiosidade e das falsas acusações, a isso expressa Sócrates dizendo: "(...) quando estou me defendendo da acusação de irreligiosidade feita por este Meleto aqui *(aponta para o acusador)* (Platão, 2008, p. 98)." E ainda nos informa Sócrates, "Meleto, você afirma que eu corrompo os mais jovens? Sim, claro, conforme está na denúncia que você fez: "Ensinando a não crer nos deuses em que a cidade crê, mas em coisas numinosas diferentes, novas" (Platão, 2008, p. 82)." E continua, "Mas agora não é fácil, em pouco tempo, desfazer grandes calúnias. Estando de fato convencido de não agir mal com ninguém, estou longe de vir a agir mal comigo mesmo (...) (Platão, 2008, p. 101)." e concluí Sócrates "(...) e tentar arrancar de dentro de vocês a calúnia – essa que vocês cultivaram por muito tempo (...) (Platão, 2008, p. 68)." "(...), mas agora não é fácil, em pouco tempo, desfazer grandes calúnias (...) (Platão, 2008, p. 101)." E Sócrates questiona,

> Em nome então desses próprios deuses, Meleto, de que falamos agora, diga ainda mais claramente, para mim e para estes varões *(aponta para o júri)*, pois eu, pessoalmente, não sou capaz de compreender se você está dizendo que ensino a crer na existência de alguns deuses (e então eu próprio creio na existência de deuses e não sou absolutamente ateu nem é por aí que ajo mal) – porém não exatamente naqueles em que a cidade crê, mas em *diferentes*, e é por isso que você me intima, porque *diferentes* –, ou se você está afirmando cabalmente que eu próprio não creio em deuses e ensino isso aos demais..?. (Platão, 2008, p. 82).

> Assim, por serem (penso eu) amigos do prestígio, intensos e numerosos, eles têm enchido os ouvidos de vocês – tanto antes quanto agora – com intensas calúnias. Foi com base nisso que Meleto veio para cima de mim, junto com Anito e Lícon – Meleto tomando as dores dos poetas, Anito as dos trabalhadores e dos envolvidos com a política, e Lícon as dos oradores (...) (Platão, 2008, p. 76).

Logo, por detrás de toda essa perseguição, mentiras, calúnias, distorções e cismas contra Sócrates, ele nos esclarece também os outros motivos que há: "(...) contra mim surgiu muito ódio, e junto a muitos –, fiquem sabendo que é verdade. E é isso que me condenará, se é que vai mesmo me condenar: não Meleto, nem Anito, mas a calúnia e a inveja de muitos! (Platão, 2008, p. 86)." E continua Sócrates dizendo que,

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

"Meleto tomando as dores dos poetas, Anito as dos trabalhadores e dos envolvidos com a política, e Lícon as dos oradores (...) (Platão (2008, p. 76)." Xenofonte contribui dizendo que Sócrates após não aceitar um processo de condenação injusta contra um ex-comandante que está sendo acusado, fato quando Sócrates fora o dirigente da Assembleia em questão da discussão do mérito, os fraudadores do processo contra tal passaram a perseguir Sócrates, e assim ficamos informados que: "Ele não quis aceitar a deliberação e atraiu sobre si o ódio do povo e as ameaças de muitos dos poderosos; mas, para ele, tinha mais valor manter a sua palavra do que agradar ao povo numa decisão que contrariava a justiça ou do que evitar aqueles que o ameaçavam (...) (Xenofonte, 2014, p. 66)." Platão ainda nos auxilia dizendo sobre os perseguidores de Sócrates, que o filósofo ao viver dialogando e questionando as pessoas pelas ruas, na *Ágora* e onde quer que fosse, praticando e exercitando sua filosofia com os outros, os que encontrava: "Foi precisamente por causa dessa "inspeção", varões atenienses, que surgiram muitos ódios contra mim, e assim tão duros e pesados, que a partir deles então muitas *calúnias* começaram a surgir (...) (Platão, 2008, p. 76)."

Seria Sócrates, uma vítima do fundamentalismo religioso, da intolerância e da judicialização da política, da religião e da arte de filosofar: a condenação da arte de pensar criticamente?

Referências:

Abbagnano, N. (2012). *Dicionário de filosofia.* São Paulo: Martins Fontes.
Arendt, H. (2015). *As origens do totalitarismo.* São Paulo: Companhia das Letras.
Arendt, H. (2017). *Eichmann em Jerusalém.* São Paulo: Companhia das Letras.
Aristófanes. (2016). *As nuvens:* uma comédia grega. Rio de Janeiro: Zahar.
Aristóteles. (1991). *Ética a Nicômaco.* São Paulo: Nova Cultural.
Armstrong, K. (2015). *Uma história de Deus.* São Paulo: Companhia das Letras.
Arnaoutoglou, I. (2003). *Leis da Grécia antiga.* São Paulo: Odysseus.
Asch, S. E. (1977). *Psicologia social.* Rio de Janeiro: Nacional.
Aslan, R. (2019). *Deus uma história humana.* Rio de Janeiro: Zahar.
Beard, M. (2017). *SPQR:* uma história da roma antiga. São Paulo: Crítica.
Borges, V. P. (1990). *O que é história.* São Paulo: Brasiliense.
Bornheim, G. (1999). *Os filósofos pré-socráticos.* São Paulo: Cultrix.
Bosi, A. (2012). *Dialética da colonização.* São Paulo: Companhia das letras.
Botero, J. (2013). *No começo eram os deuses.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
Cairns, E. E. (2010). *O cristianismo através dos séculos:* uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova.
Cardoso, C. F. S. (2014). *O Egito antigo.* São Paulo: Brasiliense. (Tudo é História).
Cassirer, E. (2001). *Ensaio sobre o homem:* Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes
Cassirer, E. (2011). *Linguagem e mito.* São Paulo: Perspectiva.
Chauí, M. (2006). *Convite à Filosofia.* São Paulo: Ática.
Coleman, J. A. (2018). *O dicionário de mitologia.* São Paulo: Pé da Letra.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Commelin, P. (2017). *Mitologia grega e romana*. São Paulo: Martins Fontes.
Coulanges, F. (2015). *A cidade Antiga.* São Paulo: Martin Claret.
Duarte, M. B. (2021). O que é história, o sentido da história e a historiografia. *Oficina do historiador*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, pp. 1-14, jan.-dez. 2021.
Duarte, M. B. (2022 A) Etnocentrismo, xenofobia e medo: pulsão, repressão e recalque como medo oculto do outro, do desconhecido, do diferente e do diverso. *Interritórios,* v. 8, n. 17: e254345 [2022] 2022 A.
Duarte, M. B. (2022 B). Sagrado, Profano, Religião, Magia, Sacrifício e Ritos em Frazer, Durkheim, Hubert & Mauss, Van Gennep e Lévi-Strauss. *Anthropológicas*, ano 26, v. 33, n. 1, pp. 252-267, [2022] 2022 B.
Duarte, M. B. (2023). O ser cidadão no Brasil: um problema de semântica, de conceito, não entendimento do termo, não ativação e efetividade da prática ou uma economia da concretude? *Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades.* Piauí: Universidade Federal do Piauí - UFPI e do Grupo de pesquisa Eleko: histórias, culturas e experiências formativas. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ.
Durkheim, E. (2014). *As formas elementares da vida religiosa*. Rio de Janeiro: Paulus.
Eliade, M. (2013). *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva.
Eliade, M. (2017). *O sagrado e o profano:* a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes.
Ferro, M. (2017). *A colonização explicada a todos.* São Paulo: Unesp.
Festinger, L. (1976). *Teoria da dissonância cognitiva.* Rio de Janeiro: Zahar.
Florenzano, M. T. *O mundo antigo:* economia e sociedade. São Paulo: Brasiliense, 2017. (Tudo é História).
Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes.
Frazer, J. G. (1984). *O ramo de ouro.* Rio de Janeiro: Guanabara.
Freud, S. (1980). *Escritos sobre psicologia do inconsciente* (1915). Rio de Janeiro: Imago.
Freud, S. (1988). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago.
Freud, S. (1994). *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago.
Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: L&PM.
Freud, S. (2012). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia*. São Paulo: Companhia das Letras.
Freud, S. (2012). *Totem e tabu.* São Paulo: LP&M.
Freud, S. 2013a. *O futuro de uma Ilusão*. São Paulo: LP&M.
Freud, S. 2013b. *O mal-estar na cultura.* São Paulo: L&PM.
Freud, S. (2014). *Psicologias das massas e análises do EU*. São Paulo: L&PM.
Freud, S. (2015). *Além do princípio de prazer.* São Paulo: L&PM.
Freud, S. (2017). *Inibição, sintoma e medo.* São Paulo: L&PM.
Funari, P. P. (2016). *As religiões que o mundo esqueceu.* São Paulo: Contexto.
Gaarder, J.; Hellern, V.; Notaker H. (2016). *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras.
Gibbon, E. (2015). *Os cristãos e a queda de* Roma. São Paulo: Penguin Companhia.
Gibbon, E. (2016). *Declínio e queda do Império Romano.* São Paulo: Companhia das Letras.
Ginzburg, C. (2016). *Medo, reverência e terror*. São Paulo: Companhia das Letras.
Grimal, P. (2016). *História de Roma*. São Paulo: Unesp.
Hadot, Pierre. (2019). *O que é filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola.
Hirst, J. (2017). *A mais breve história da Europa*. Rio de Janeiro: Sextante.

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Hobsbawm, E. (2011). *A era dos extremos.* São Paulo: Companhia das Letras.
Hobsbawm, E. (2015). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra.
Hobsbawm, E. *Sobre história.* (2017). São Paulo: Companhia das Letras.
Hume, D. *História natural da religião*. (2007). São Paulo: Unesp.
Jaeger, W. (2018). *Paidéia* - a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes.
Japiassú, H.; Marcondes, D. (2006). *Dicionário básico de filosofia.* Rio de Janeiro: Zahar.
Le Goff, J. (2014). *Uma breve história da Europa.* Rio de Janeiro: Vozes.
Le Goff, J. (2016). *A História deve ser dividida em pedaços.* São Paulo: Unesp.
Le Goff, J. (2017). *As raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Vozes.
Lévêque, P. (2018). *As primeiras civilizações.* Coimbra: Edições 70.
Liverani, M. (2016). *Antigo oriente.* São Paulo: Edusp.
Martin, T. R. (2010). *Roma antiga.* Porto Alegre: L&PM.
Matiszak, P. (2016). *Os inimigos de Roma.* São Paulo: Manole.
Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Martins Fontes.
Nichols, R. H. (2008). *História da Igreja cristã*. Rio de Janeiro: Cultura Cristã.
Orwell, G. (2014). *1984*. São Paulo: Companhia das Letras.
Pinheiro, A. E. (2008). *Platão*: apologia de Sócrates. Porto Alegre: L&PM.
Platão. (2001). *Mênon*. São Paulo: Edições Loyola.
Platão. (2008). *Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton*. Porto Alegre: L&PM.
Platão. (2016). *Apologia de Sócrates*: clássicos gregos. Brasília: UNB.
Platão. (2016). *Teeteto.* Rio de Janeiro: Puc-RJ.
Platão. (2017). *O banquete*. São Paulo: Edipro.
Reale, G. (2015). *Sofistas, Sócrates e Socráticos menores*. São Paulo: Loyola.
Sahlins, M. (2007). *História e cultura:* apologia a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar.
Said, E. W. (2016). *Orientalismo.* São Paulo: Companhia das Letras.
Seed, P. (1999). *Cerimonias de posse na conquista europeia do Novo Mundo*. São Paulo: Unesp.
Smith, J. R. (2014). *As cruzadas:* uma história. São Paulo: Ecclesiae.

Shelley, B. (2018). *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson.
Ujvari, S. C. (2020). *A história da humanidade contata pelo vírus.* São Paulo: Contexto.
Unnínni, Sin-Léqi-UnnínnI. (2017). *Ele que o abismo viu:* Epopeia de Gilgámesh. São Paulo. Autêntica.
Vernant, J. P. (2017). *O universo, os deuses, os homens.* São Paulo: Companhia das Letras.
Veyne, P. (2012). *Os gregos acreditavam em seus mitos?* ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Unesp.
Veyne, P. (2016). *Mito e religião na Grécia antiga.* São Paulo: Martins Fontes.
Vico, G. (2008). *Ciência nova.* São Paulo. Ícone Editora.
Xenofonte. (2014). *Memoráveis.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume.
Xenofonte. (2017). *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. São Paulo: Edipro.
Waiblinger, A. (2016). *A Grande Mãe e a criança divina*. São Paulo: Cultrix.

ABSTRACT:
Much is still investigated, studied, speculated and discussed about the innumerable reasons for Socrates' condemnation and death. The three 'great crimes' that led to his conviction and death are presented and detailed by numerous authors after his death. However, the closest and supposedly reliable sources, more specifically, are the works Apology of Plato and the Memorabilia of Xenophon, both disciples of the philosopher, the fly of

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

Athens. The present work focuses on the exhibitions of the referred works of the two disciples and tries to make the effort to verify the question and religious, judicial, criminal and political relation that led the master and philosopher to death. In this way, we realize that politics, justice and religion conducted the whole process against Socrates, as well as his execution or death. Religion and politics are introduced from the beginning to the end of his conviction. Perhaps political instruments and the maintenance of power, domination and manipulation of the masses. However, we can also observe that through the records and reflections about him, records provided by Xenophon and Plato, it is possible to realize that the process and condemnation against Socrates could turn against his accusers, since, by persecuting and attacking the Athenian fly introduced into the city by the gods, and with a specific mission,' such persecutors and accusers would be going against the gods themselves. In other words, Xenophon and Plato provide us with elements to assume that by accusing Socrates of the three crimes, it is actually the accusers themselves who would be committing them from the beginning of the process to the end of it. With this, we can say that there is a partial justice, as well as the judicialization of politics, religion and philosophy, and also the manifestation of a religious fundamentalism, intolerant and prejudiced, which attacks those who think outside dogmatism and "the walls of the city." Through and by means of the literature review we can observe Socrates, a victim of religious fundamentalism, intolerance and the judicialization of politics, religion and philosophy: the condemnation of the art of critical thinking. Investigations, approaches, perspectives and contributions by and to Historiography, Anthropology, Philosophy, Sociology and Psychoanalysis: Philosophy, Historiography, their productions and writings under new perspectives, analyzes and or exegetical exercises.

KEYWORDS: Culture; Religion; Politics; Society; Education; Crime; Judicialization.

RESUMEN:
Todavía se investiga, estudia, especula y discute mucho sobre las numerosas razones de la condena y muerte de Sócrates. Los tres "grandes crímenes" que condujeron a su condena y muerte son presentados y detallados por numerosos autores después de su muerte. Sin embargo, las fuentes más cercanas y supuestamente fiables, más concretamente, son la Apología de Platón y los Memorables de Jenofonte, ambos discípulos del filósofo, el Moscú de Atenas. El presente trabajo se centra en las exposiciones de las obras antes mencionadas de los dos discípulos y trata de hacer un esfuerzo por constatar la cuestión y la relación religiosa, judicial, criminal y política que llevó al maestro y filósofo a la muerte. De esta manera, nos damos cuenta de que la política, la justicia y la religión impulsaron todo el proceso contra Sócrates, así como su ejecución o muerte. La religión y la política se introducen desde el principio hasta el final de su condena. Tal vez instrumentos políticos e instrumentos para mantener el poder, la dominación y la manipulación de las masas. Sin embargo, también podemos observar que a través de los registros y reflexiones sobre él, registros proporcionados por Jenofonte y Platón, es posible ver que la acusación y condena contra Sócrates podría volverse contra sus acusadores, ya que, al perseguir y atacar a la mosca ateniense "introducida en la ciudad por los dioses, y con una misión específica", tales perseguidores y acusadores estarían yendo contra los propios dioses. En otras palabras, Jenofonte y Platón nos proporcionan elementos para presuponer que al acusar a Sócrates de los tres crímenes, en realidad los propios acusadores los estarían cometiendo desde el principio del proceso hasta el final del mismo. Con esto, podemos decir que hay una justicia parcial, así como la

e-ISSN nº 2447-4266
Palmas, v. 10, n. 1, 2024
http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v10n1a11pt

judicialización de la política, la religión y la filosofía, y también la manifestación de un fundamentalismo religioso, intolerante y prejuicioso, que ataca a quienes piensan fuera del dogmatismo y de "los muros de la ciudad". A través de la revisión de la literatura podemos observar a Sócrates, víctima del fundamentalismo religioso, de la intolerancia y de la judicialización de la política, la religión y la filosofía: la condena del arte de pensar críticamente. Investigaciones, aproximaciones, perspectivas y aportes de y para la Historiografía, la Antropología, la Filosofía, la Sociología y el Psicoanálisis: la Filosofía, la Historiografía, sus producciones y escritos bajo nuevas miradas, análisis y/o ejercicios exegéticos.

PALABRAS CLAVE: Cultura; Religión; Política; Sociedad; Educación; Crimen; Judicialización.